



Liang Wanlan

Estratégias de complementação verbal na(s) interlíngua(s) de aprendentes chineses de PLE

Dissertação de Mestrado em Português como Língua Estrangeira e Língua Segunda, orientada pela Doutora Ana Paula Oliveira Loureiro e co-orientada pela Doutora Cristina dos Santos Pereira Martins, apresentada ao Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

2015



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Faculdade de Letras

ESTRATÉGIAS DE COMPLEMENTAÇÃO VERBAL NA(S) INTERLÍNGUA(S) DE APRENDENTES CHINESES DE PLE

Ficha Técnica:

Tipo de trabalho	Dissertação de Mestrado
Título	Estratégias de complementação verbal na(s) interlíngua(s) de aprendentes chineses de PLE
Autor/a	Liang Wanlan
Orientador/a	Doutora Ana Paula Oliveira Loureiro
Coorientador/a	Doutora Cristina dos Santos Pereira Martins
Júri	Presidente: Doutora Maria Joana de Almeida Vieira dos Santos
	Vogais:
	1. Doutora Judite Manuela da Silva Nogueira Carecho
	2. Doutora Ana Paula de Oliveira Loureiro
Identificação do Curso	2º Ciclo em Português como Língua Estrangeira e Língua Segunda
Área científica	Línguas e Literaturas Estrangeiras
Especialidade/Ramo	Linguística Aplicada
Data da defesa	17-7-2015
Classificação	17 valores



Índice Geral

Índice de tabelas.....	iv
Índice de gráficos.....	vi
Resumo.....	vii
Abstract.....	viii
Agradecimentos.....	ix
Introdução.....	1
1. Estruturas de complementação verbal em português.....	4
1.1 Frase, predicador e verbo.....	4
1.1.1 Relação entre os conceitos de <i>frase</i> , <i>enunciado</i> , <i>proposição</i> e <i>oração</i>	5
1.1.2 Predicador e argumentos.....	6
1.1.3 Sujeito: propriedades sintáticas e semânticas.....	9
1.2 Frases com verbo pleno e estruturas de complementação.....	10
1.2.1 Tipos de complementos do verbo em português.....	11
1.2.1.1 Complemento direto: propriedades sintáticas e semânticas...11	
1.2.1.2 Complemento indireto: propriedades sintáticas e semânticas.....	14
1.2.1.3 Complemento oblíquo: propriedades sintáticas e	

sem ânticas.....	17
1.2.2 Subclasses de verbo pleno.....	19
1.2.2.1 Verbos transitivos vs verbos intransitivos.....	19
1.2.2.1.1 Verbos transitivos.....	20
1.2.2.1.2 Verbos intransitivos.....	23
1.3 Outras estratégias de complementação.....	24
1.3.1 Elipse de complementos.....	24
1.3.2 Verbos de uso absoluto.....	25
1.3.3 Verbos de alternância causativa-incoativa.....	26
1.3.4 Constituintes adverbiais com valor de modo.....	27
2. Metodologia.....	28
2.1 Perfil dos informantes.....	28
2.2 Temas e tipologia das produções.....	29
2.3 Critérios de inclusão e exclusão.....	29
2.4 Metodologia de organização dos dados.....	32
3. Resultados e discussão.....	34
3.1 Resultados globais.....	34
3.2 Ocorrências desviantes.....	38
3.2.1 Tipologia de desvios: categorias e subcategorias.....	38

3.2.2 Análise da distribuição dos desvios.....	40
3.2.2.1 Desvios relativos a argumentos.....	45
3.2.2.2 Desvios relativos ao uso de preposições.....	51
3.2.2.3 Desvios relativos ao uso de conjunção oracional.....	59
3.2.2.4 Desvios relativos ao uso de pronome pessoal inerente.....	61
3.3 Síntese dos resultados apurados.....	63
Conclusão.....	65
Bibliografia.....	68

Os documentos apresentados no CD:

Anexo 1 - Quadro Matriz 1

Anexo 2 - Quadro Matriz 2

Índice de Tabelas

Tabela 2.1- Distribuição dos textos recolhidos nos <i>corpora</i> por nível de proficiência dos aprendentes.....	28
Tabela 2.2 – Amostra de textos para a análise.....	29
Tabela 2.3 – A exclusão dos verbos impessoais.....	30
Tabela 2.4 – A exclusão dos verbos auxiliares / semi-auxiliares.....	30
Tabela 2.5 – A exclusão dos verbos copulativos.....	31
Tabela 2.6 – A exclusão dos verbos pronominais passivos.....	31
Tabela 2.7 – Casos de máseleção lexical.....	32
Tabela 2.8 – Número total de verbos incluídos por nível de proficiência.....	32
Tabela 3.1 – Ocorrências de casos convergentes e divergentes na totalidade da amostra.....	35
Tabela 3.2 – Número de ocorrências convergentes e divergentes por nível do aprendente.....	35
Tabela 3.3 – Número de ocorrências convergentes e divergentes de cada esquema relacional.....	37
Tabela 3.4 – Categorização dos desvios.....	39
Tabela 3.5 – Contagem dos desvios por categoria e subcategoria.....	40
Tabela 3.6 – Distribuição dos desvios em função dos esquemas relacionais.....	42

Tabela 3.7 – Distribuição dos desvios por nível do aprendente.....	44
Tabela 3.8 – Contagem de desvios por tipo de complemento.....	46
Tabela 3.9 – Desvios relativos à adição de argumentos.....	46
Tabela 3.10 – Desvios relativos à supressão de argumentos.....	48
Tabela 3.11 – Desvios relativos à substituição de argumentos.....	49
Tabela 3.12 – Frequência de preposições e percentagens dos desvios de uso das preposições.....	51
Tabela 3.13 – Desvios relativos à adição de preposições.....	52
Tabela 3.14 – Desvios relativos à supressão de preposições.....	54
Tabela 3.15 – Verbos crílicos: supressão da preposição <i>de</i>	54
Tabela 3.16 – Desvios relativos à substituição de preposições.....	58
Tabela 3.17 – Verbos crílicos: supressão da conjunção <i>que</i>	59
Tabela 3.18 – Relação entre os desvios de preposições e os de conjunções quando introduzem oração completiva.....	60
Tabela 3.19 – Relação entre os desvios de pronome inerente e os de pronome reflexo.....	62

Índice de Gráficos

Gráfico 3.1 – Percentagem dos casos convergentes e divergentes.....	35
Gráfico 3.2 – Percentagem dos casos convergentes e divergentes por nível do aprendente.....	36
Gráfico 3.3 – Percentagem dos casos convergentes e divergentes de cada esquema relacional.....	38

Resumo

A presente dissertação tem como principal objetivo a identificação das estratégias da complementação verbal na(s) interlíngua(s) dos aprendentes chineses, a partir da análise dos dados empíricos produzidos por alunos chineses de diferentes níveis de proficiência em português como língua estrangeira (PLE).

O objetivo específico desta dissertação é apurar, tendo em conta as particularidades da estrutura da complementação verbal em português, que tipo de constituintes sintáticos e semânticos suscitam maiores dificuldades aos aprendentes durante o processo de aprendizagem na mobilização dos complementos selecionados por verbos plenos.

A partir destes objetivos, o estudo fundamenta-se em várias noções relevantes e na descrição das propriedades do sistema de complementação verbal em português, atendendo aos trabalhos de Raposo *et alii* (2013), Duarte (2003), bem como Gonçalves e Raposo (2013), Cunha e Cintra (1984), Peres e Mória (1995) e Eliseu, Mateus e Villalva (2008). Depois, procede-se à análise pormenorizada dos dados empíricos retirados de dois *corpora*: o *Corpus* PEAPL2 (CELGA, Universidade de Coimbra) e o CAL2 (CLUNL, Universidade Nova de Lisboa). A partir destes acervos, foi selecionado um conjunto diversificado de textos produzidos pelos aprendentes de PLE que têm o chinês como língua materna e que frequentaram cursos de português para estrangeiros na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra ou na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Assim, em termos dos fenómenos observados e dos resultados obtidos relativos às estratégias pelas quais optaram os aprendentes chineses na complementação verbal durante o desenvolvimento do nível de proficiência, pode concluir-se que: i) os aprendentes chineses possuem um bom domínio da complementação verbal se atendermos à maior quantidade de casos convergentes com a língua alvo do que divergentes; ii) em todos os níveis de proficiência em PLE analisados se encontram casos desviantes na complementação verbal, sendo que o número destes casos decresce à medida que o nível de proficiência do aprendente avança; iii) os verbos com esquemas relacionais que levam complementos oblíquos são mais afetados pelos desvios; iv) o uso de preposição na introdução de complemento oblíquo é a área mais crítica e resistente para os alunos chineses de todos os níveis de proficiência, destacando-se o problema relativo à supressão indevida de preposição.

Palavras-chave: Português língua estrangeira; Complementação verbal em português

Abstract

This dissertation aims to identify the strategies of verbal complementation in the interlanguages of Chinese learners of different proficiency levels in Portuguese as a Foreign Language (PFL), through the analysis of empirical data.

Taking into account the peculiarities of verbal complementation structures in Portuguese, the specific aim of this thesis is to determine which syntactic and semantic constituents present more difficulties to the learners during the learning process.

Given these goals, the study is grounded in relevant concepts and the description of the properties of the verbal complement system in Portuguese, following Raposo *et alii* (2013), Duarte (2003), Gonçalves & Raposo (2013), Cunha & Cintra (1984), Peres & Mória (1995), and Eliseu, Mateus & Villalva (2008). This description is followed by a detailed analysis of empirical data that are drawn from two learners' corpora: *Corpus PEAPL2* (CELGA, University of Coimbra) and *CAL2* (CLUNL, New University of Lisbon). These corpora provided a diverse collection of texts produced by learners of PLE who are native speakers of Chinese and who attended Portuguese courses for foreigners at the Faculty of Letters of the University of Coimbra or at the Faculty of Human and Social Sciences of the New University of Lisbon.

Results regarding verbal complementation strategies opted by the Chinese learners led to the following conclusions: i) Chinese learners of PFL exhibit a high level of mastery of the Portuguese verbal complementation structures given that most occurrences in the working corpus converge with those of the target language; ii) learners at all levels of proficiency in PFL display non target verbal complementation strategies, but the number of such cases decreases as the levels advance; iii) the verbs that select oblique objects are the most affected by non-target verbal complementation strategies; iv) the preposition introducing oblique objects is the most critical structure for the Chinese learners, regardless of level of proficiency, and the suppression of the preposition is the most common non-target strategy.

Keywords: Portuguese as foreign language (PFL); Portuguese verbal complementation structures.

Agradecimentos

Gostaria de expressar o meu profundo agradecimento às Professoras Ana Paula Oliveira Loureiro e Cristina dos Santos Pereira Martins, da Universidade de Coimbra, por todo o apoio, pela dedicação e pela orientação constante a que me dirigiram ao longo da elaboração desta dissertação neste último ano. Agradeço a confiança, o incentivo e a paciência demonstrados em mim e no meu trabalho desde o primeiro momento para que eu consiga avançar e completar o trabalho todo. Agradeço, sempre, os conselhos dados que me permitiram melhorar o trabalho.

Agradeço a toda a minha família, em especial aos meus pais, aos meus primos e às minhas tias, por toda a atenção que me prestaram durante este ano.

Agradeço a todos os meus amigos em Portugal ou na China, especialmente, à Tianran Zheng, à Yaguang Wang, à Shanshan Ren e à Weiqi Mei, por todo o apoio que me deram, pelas palavras motivadoras, por toda a vossa preciosa ajuda e pela paciência que tiveram comigo durante a elaboração deste trabalho.

Agradeço ainda a todos os meus colegas da empresa, em particular, à Margarida Ivo Cruz, pelas compreensões e paciências demonstradas, pelos conselhos e sugestões concedidas durante a concretização deste trabalho.

Agradeço ainda a todos aqueles que, de forma direta ou indireta, contribuíram para a conclusão desta dissertação. Muito obrigada a todos!

INTRODUÇÃO

A presente dissertação visa apresentar os resultados de uma investigação sobre os comportamentos dos aprendentes de português língua estrangeira (PLE) que têm o chinês (mandarim ou cantonês) como língua materna (LM) em relação à complementação verbal. O estudo tem por base o tratamento dos dados relativos a esta categoria gramatical recolhidos em textos escritos produzidos por aprendentes tardios de português como língua estrangeira (LE). Para os autores dos textos que serviram de base empírica para o presente estudo, e apesar da situação de imersão temporária em que se encontram, o português assume essencialmente um estatuto de LE, já que este idioma não desempenha, nas respetivas comunidades de residência habituais, qualquer função sociopolítica (Leiria, 2004). Temos, assim, como objetivo principal analisar as dificuldades encontradas e as estratégias pelas quais opta este grupo de aprendentes, nas diferentes etapas do desenvolvimento da sua proficiência linguística, para a mobilização dos complementos selecionados por verbos plenos.

Uma análise dos desempenhos de aprendentes de português língua não materna (PLNM)¹ na complementação verbal é particularmente relevante em função de vários aspetos.

Em primeiro lugar, no processo de aprendizagem, os aprendentes de PLNM são sempre influenciados pela sua língua materna, constituindo este fator, de certo modo, uma dificuldade na aquisição de uma LE. Neste aspeto, o grupo dos aprendentes chineses é um exemplo muito elucidativo: por um lado, pelo facto de as características sintáticas da complementação verbal em mandarim e em cantonês serem substancialmente diferentes das que vemos em português - por exemplo, o facto de a maior parte dos verbos chineses não reger preposição; por outro lado, pela diferente natureza e diferente comportamento dos pronomes pessoais, factos que estão na origem de desvios por parte de aprendentes chineses. Estes factos constituíram motivações decisivas para a escolha do tema da nossa investigação.

Em segundo lugar, há em diferentes variedades do português, nomeadamente na variedade moçambicana e na variedade brasileira, estratégias de complementação verbal não convergentes com as do português europeu (PE) que sugerem a vulnerabilidade estrutural da própria língua alvo de aprendizagem (LA) nesta área da sua gramática. Em Gonçalves (2013: 167), por exemplo, identificam-se várias características sintáticas da variedade moçambicana que são distintas das características do PE, nomeadamente ao nível dos esquemas relacionais verbais - é o caso da adição de preposição em contextos de uso de certos verbos transitivos diretos (cf. “Amar a

¹ A LNM pode ter um estatuto de língua estrangeira, ou de língua segunda (LS). Sobre esta distinção, cf., por exemplo, Leiria, 2004.

alguém” no PM² vs. “Amar alguém” no PE) ou da supressão de preposição em contexto de complemento indireto (cf. “Entregar algo alguém” no PM vs. “entregar algo a algu ém no PE).

No português brasileiro (PB), por sua vez, são comuns construções como *Vou na escola* (PE: *Vou a/para a escola*); *X está relacionado a y* (PE: *X está relacionado com y*); *Preciso fazer o jantar* (PE: *Preciso de fazer o jantar*), denunciando opções distintas na seleção e na ocorrência de preposições que introduzem constituintes com função de complemento oblíquo. Mattos e Silva (s/d)³ por seu turno, dá-nos a indicação de que se assiste a uma simbiose formal e funcional no sistema pronominal do PB reveladora de uma tendência de instabilidade na atribuição das respectivas funções sintáticas: “(...) O *lhe* acusativo varia com *te*, mesmo sendo o tratamento *você* (*Você gosta de cinema. Eu te vejo sempre no Multiplex*). Nos exemplos dados, o clítico canônico – *o/a* – pode ocorrer no uso cuidado, monitorado, de escolarizados; ele é adquirido na escola e, curiosamente, primeiro na escrita e depois na fala, o que mostra ser um recurso sintático, efeito de aprendizagem pela escolarização, e não adquirido naturalmente na infância”.

Um terceiro aspeto está relacionado com o modo como os aprendentes de PLNM constroem as interlínguas no que respeita à complementação verbal, tendo em conta quer a influência da LM quer a vulnerabilidade estrutural da LA, ou seja, é necessário termos informação sobre os comportamentos de vários perfis de aprendentes que nos permita responder às seguintes perguntas: em que estruturas se registam mais casos divergentes relativamente à língua alvo (LA)?; que tipo de estruturas divergentes se revelam mais resistentes para os aprendentes nos diferentes níveis de proficiência linguística?; como se desenvolvem as interlínguas de diferentes níveis de aprendentes ao longo do processo de aprendizagem?

Tendo apresentado os objetivos do presente estudo e a respetiva relevância, procederemos, agora, à apresentação da estrutura da dissertação. No Capítulo 1, encontrar-se-á uma descrição do enquadramento teórico que diz respeito às várias noções fundamentais ligadas ao domínio da complementação verbal, tendo em conta principalmente os trabalhos de Raposo *et alii* (2013), Duarte (2003), bem como Gonçalves e Raposo (2013) e Cunha e Cintra (1984). Em concreto, descrevem-se, neste primeiro capítulo, os conceitos de *frase*, *predicador*, *verbo* e *argumentos*, as estruturas de complementação e as correspondentes classes de verbos plenos, bem como outras estratégias de complementação verbal, tais como a possibilidade de omissão de complementos e casos de verbos com alternância argumental.

No Capítulo 2 procedemos a uma apresentação detalhada dos *corpora* dos quais foram extraídos os textos para análise, assim como dos métodos que usamos para

² PM: português moçambicano

³ Fonte: <http://cvc.instituto-camoes.pt/hlp/hlpbrasil/index.html>

organizar os dados empíricos.

No Capítulo 3, procede-se à análise quantitativa e qualitativa dos dados empíricos, quer dos casos convergentes com a LA, quer dos casos divergentes, em função dos esquemas relacionais que os verbos plenos determinam e em função do desenvolvimento de proficiência linguística dos aprendentes, a fim de descobrir as maiores dificuldades na complementação verbal que os informantes apresentam.

Por fim, apresentam-se as conclusões finais, que resumem as observações e reflexões mais pertinentes decorrentes dos resultados apurados.

Fornecem-se, ainda, em CD, dois anexos: (Quadro Matriz 1 e 2) com a totalidade dos dados organizados e tornados, assim, acessíveis a outros investigadores.

1. ESTRUTURAS DE COMPLEMENTAÇÃO VERBAL EM PORTUGUÊS

Neste capítulo de enquadramento teórico, temos como objetivo abordar as estruturas de complementação verbal em português.

Numa frase com verbo pleno, o núcleo verbal tem a capacidade de selecionar argumentos (que exercem funções sintáticas de sujeito e de complementos), em função do seu conteúdo descritivo e do seu esquema relacional. No quadro da presente investigação, interessam-nos, em particular, as estruturas de complementação.

Para analisar em concreto esta questão principal, começaremos por recuperar, no primeiro subcapítulo, os conceitos básicos de *frase*, *predicador*, *verbo* e *argumentos*, bem como as correlações relevantes entre estes. No segundo subcapítulo, trataremos os vários tipos de complementos selecionados pelo verbo pleno e as subclasses de verbos de acordo com os esquemas relacionais admitidos. No terceiro subcapítulo, abordaremos outras estratégias de complementação verbal, em particular, a omissão de complementos, estratégias de alternância e a seleção de constituintes adverbiais com valor de modo.

1.1 FRASE, PREDICADOR E VERBO

Genericamente, uma frase é uma construção sintática organizada na qual diferentes constituintes estão interligados por um núcleo verbal. Quando este núcleo verbal, manifestando conteúdo descritivo, funciona como predicador, controlando o estatuto das outras entidades presentes na frase (como o dos argumentos), chamamos-lhe *verbo pleno*. Assim, podemos dizer que o predicador verbal determina a organização dos vários constituintes dentro da frase.

Nesta medida, na secção 1.1.1, será tratado o conceito de *frase*, na sua relação com os conceitos próximos de *oração*, *proposição* e *enunciado*. Na secção 1.1.2, discutiremos a natureza do predicador, o conceito de *verbo pleno* e de *argumento*. Já na secção 1.1.3, distinguiremos argumento com função de sujeito e argumentos com função de complemento, afluiremos brevemente as propriedades sintáticas e semânticas do sujeito e referiremos a questão da seleção ou não do sujeito pelo verbo pleno, crítico que está na base da distinção entre *verbos pessoais* e *impessoais*

1.1.1 RELAÇÃO ENTRE OS CONCEITOS DE *FRASE*, *ENUNCIADO*, *PROPOSIÇÃO* E *ORAÇÃO*

Entendemos que uma *frase* pode ser constituída por uma palavra ou por uma sequência de palavras numa determinada ordem, que satisfaz as regras e os princípios gramaticais da língua a que pertence (Raposo, 2013: 306). Numa frase, do ponto de vista estrutural, estabelece-se uma relação de predicação na qual participam um núcleo verbal e outros elementos como o sujeito, complementos selecionados, predicativos e eventuais modificadores⁴. Do ponto de vista do significado, uma frase veicula necessariamente um conteúdo proposicional (Duarte, 2003: 307).

Quando falamos de frase, não podemos ignorar outras duas noções intimamente relacionadas: *enunciado* e *proposição*.

Em primeiro lugar, «*O enunciado, sendo um produto do ato de fala, consiste na realização concreta de uma unidade linguística, em particular de uma frase, por um falante particular, dirigindo-se a um só ou um grupo de ouvintes particular, num lugar e tempo determinados*» (Raposo, 2013: 306). De acordo com esta definição, podemos afirmar que somente a forma situacionalmente concretizada de frase pode ser vista como enunciado mas não a sua forma abstrata. Mais especificamente, uma frase converte-se num enunciado quando for dita ou escrita numa determinada situação ou com uma determinada intenção comunicativa (*Idem*: 306). Podemos dizer que todas as frases podem ser enunciados, mas nem todos os enunciados podem ser considerados frases; por exemplo, o enunciado “*Porquê?*” não é uma frase, uma vez que não apresenta um núcleo verbal.

Quanto à *proposição*, «*é o conteúdo descritivo de uma frase quando esta se realiza num enunciado concreto e corresponde às situações do mundo (real ou imaginário) que o enunciado da frase descreve ou para o qual remete*» (Raposo, 2013: 306-307). Note-se que as frases, no sentido abstrato, não veiculam proposições; fazem-no apenas quando se convertem em enunciados (*Idem*: 322). Assim, o *conteúdo proposicional* corresponde às condições de verdade que o mundo tem de satisfazer para que os enunciados possíveis dessa frase veiculem uma proposição verdadeira. É importante realçar que o conteúdo proposicional é uma característica definitiva da noção de *frase* (enquanto unidade abstrata do sistema gramatical), independente do que se realiza em unidades concretizadas (ou seja, dos enunciados) produzidas em situações particulares (*Ibidem*: 307).

Um outro conceito a ter em conta é o conceito de *oração*, que, de acordo com Raposo (2013: 314), pode ser definido da seguinte forma: «*numa construção sintática,*

⁴ Dicionário Terminológico online <http://dt.dgidc.min-edu.pt/>

uma oração é constituída por uma sequência de palavras gramatical que manifesta um conteúdo proposicional e contém necessariamente um núcleo verbal». O conceito de *oração* e o de *frase* têm em comum duas características: o conteúdo proposicional e o núcleo verbal. Geralmente, uma frase é uma oração máxima⁵; no entanto, é importante notar-se que nem todas as orações constituem frases, uma vez que elas não têm necessariamente um verbo finito no modo indicativo (ou no imperativo) e também não possuem necessariamente a capacidade de funcionarem como enunciados autônomos (*Idem*: 314). A oração pode ser uma forma absoluta que ocorre na frase básica, isto é uma frase simples coincide com uma oração simples; também pode ser uma forma subordinada numa frase complexa ou uma forma coordenada numa frase composta. Quando é este último o caso, cada uma das orações simples que constituem essa construção composta tem o seu verbo como elemento nuclear (*Ibidem*: 315).

Como a nossa análise será feita a partir de textos escritos por aprendentes de PLE, então, podemos dizer que as frases consideradas são verdadeiros enunciados, que veiculam conteúdos proposicionais, quer por via de uma construção simples (frase simples) quer através de construções complexas (subordinação e coordenação).

1.1.2 PREDICADOR E ARGUMENTOS

Como se referiu no início da secção 1.1.1, numa frase estabelece-se uma relação de predicação, expressa por uma proposição constituída minimamente pelo predicador e pelos respetivos argumentos (Raposo, 2013: 352). Nesta secção 1.1.2, abordamos os conceitos de *predicador*, *verbo pleno* e *argumento*.

Segundo Duarte (2003: 278), uma predicação contém dois termos fundamentais: sujeito e predicado. O *predicado* é o constituinte ou uma série de constituintes organizados pelo predicador, que incluem o(s) seu(s) argumentos interno(s) (o termo *argumento interno* será também explicado nesta secção) (Eliseu, Mateus e Villalva, 2008: 142)⁶. O *predicador*, enquanto núcleo sintático e semântico, é o item lexical que define o conteúdo fundamental das proposições, representando ações, atividades, processos ou situações estáticas. Este item lexical exprime uma propriedade de uma ou mais entidades ou de uma relação entre estas entidades e funciona como um fio para alinhar os constituintes frásicos. Tipicamente, o predicador frásico é um verbo, mas, em determinadas construções (por exemplo com verbo copulativo) também pode ser

⁵ Raposo (2013: 314) “Numa construção sintática, uma frase é a oração máxima cujo núcleo verbal está no modo indicativo ou imperativo e que pode ser usada como um enunciado autónomo.”

⁶ “O predicado é uma função gramatical do constituinte formado por um verbo e pelos seus complementos e modificadores. Do ponto de vista da interpretação, um predicado expressa um dado estado de coisas (uma ação, um evento ou um estado) relativo a um sujeito.” (Eliseu, Mateus e Villalva, 2008: 142).

um adjetivo, um nome, uma estrutura preposicionada ou adverbial (Peres e Mória, 1995).

Quando o predicador é um verbo, constituindo o núcleo sintático e semântico da oração, designamo-lo *predicador verbal*, ou seja, consideramo-lo o *verbo pleno* desta oração (Raposo, 2013: 359). Na oração em que o predicador é adjetivo ou nome e o verbo desta oração não possui conteúdo descritivo, este pertence ao grupo dos *verbos copulativos*; também os *verbos auxiliares* e *semiauxiliares* estão impedidos de funcionar como predicadores, uma vez que não manifestam o necessário sentido descritivo, contribuindo apenas com propriedades dos domínios do tempo, da modalidade e do aspeto. Na presente investigação interessam-nos apenas as estruturas frásicas com verbo pleno.

Segundo Duarte (2003: 278-280), geralmente existe uma única relação de predicação numa oração simples. Por exemplo, na frase, constituída por uma oração simples, *Nós comemos o bolo todo*, o predicado inclui o único predicador verbal (*comemos*) e os seus argumentos internos (neste caso, *o bolo todo*). No entanto, há alguns casos em que ocorre mais do que um predicador (ou seja, mais do que uma relação de predicação), como é o caso das frases com verbos transitivos-predicativos, p.e., *O João considera a Maria inteligente*⁷. Nesta frase, o verbo *considerar* é o predicador sintaticamente primário e o adjetivo *inteligente* forma o predicador sintaticamente secundário. Duarte (2003: 279) ainda tem em conta que as situações que apresentam construções resultativas também possuem mais de uma predicação. Para ilustrar casos deste tipo, recorreremos a um exemplo do *Corpus PEAPL2 (CELGA): A agitação urbana e a discriminalidade tornaram a vida mais perigosa* (CA.B2.07 69.3Q⁸). Neste caso, o verbo *tornar* é o predicador primário e o elemento *mais perigosa*, que descreve o resultado do processo descrito, toma uma função gramatical de predicativo do complemento direto, isto é forma o predicador secundário.

Os *argumentos*, por sua vez, representam as entidades que participam nas situações descritas nas frases e cada um desempenha uma função gramatical diferente. Existe, assim, uma relação semântica estreita, a que se chama *seleção*, entre o verbo pleno e os argumentos na formação de uma frase (Raposo, 2013: 361). Segundo Gonçalves e Raposo (2013: 1155), o *verbo pleno* é o verbo principal de uma oração e tem capacidade de realizar três tipos de seleção⁹ relativamente aos argumentos: em

⁷ O verbo *considerar* é o predicador que representa sintática e semanticamente o primeiro domínio de predicação, exigindo o seu complemento que manifesta o segundo domínio de predicação (*a Maria inteligente*), em que o adjetivo *inteligente* é o predicador secundário, cujo sujeito é a sintagma nominal *a Maria*.

⁸ Os exemplos com a indicação dos códigos são os extraídos dos dois *corpora* utilizados no estudo empírico da presente investigação. Preferimos introduzir os exemplos encontrados nos *corpora* na apresentação do enquadramento teórico, a fim de que a nossa descrição teórica reflita mais fielmente as necessidades descritivas levantadas pelos desempenhos dos aprendentes chineses de PLE. No entanto, nos casos em que não conseguimos encontrar casos ilustrativos nos *corpora*, optámos por citar os exemplos na bibliografia ou por criá-los.

⁹ Gonçalves e Raposo (2013: 1159) Estes três tipos de seleção indicam a seleção funcional, a seleção semântica e a seleção estrutural.

primeiro lugar, determina a ocorrência e o número dos argumentos, isto é tem capacidade de selecionar funcionalmente os argumentos gramaticais de sujeito e de complementos; em segundo lugar, determina a natureza semântica, isto é os papéis temáticos dos argumentos gramaticais; em terceiro lugar, é capaz de definir a classe sintagmática dos argumentos gramaticais, os quais podem ser realizados por um sintagma nominal, por um sintagma preposicional ou por uma oração¹⁰. Deste modo, através da seleção dos argumentos, o verbo pleno consegue descrever a situação estrutural e semanticamente.

Dentre os argumentos selecionados pelo verbo pleno, distingue-se o *sujeito* dos *complementos*, em função das propriedades gramaticais diferentes. O *sujeito*, como se mencionou, fazendo parte da predicação e separando-se do predicado, é o argumento que, numa perspectiva morfossintática, deve concordar em pessoa e número com o verbo. Quanto aos argumentos com função de complemento, podem pertencer às seguintes subcategorias: *complemento direto*, *complemento indireto* e *complemento oblíquo*. Ao contrário do sujeito gramatical, os complementos realizam-se canonicamente dentro do predicado (Raposo, 2013: 366).

Quando o argumento se realiza fora do predicado, chama-se *argumento externo*, ao passo que o argumento realizado dentro do predicado chama-se *argumento interno* (Raposo, 2013: 384). Nas orações ativas, o argumento que tem a função de sujeito realiza-se canonicamente fora do predicado e os complementos ocorrem canonicamente dentro do predicado; assim, podemos dizer que o sujeito é tipicamente, o argumento externo, enquanto os complementos são os argumentos internos. No entanto, existem algumas situações em que o argumento externo não se realiza como sujeito gramatical, bem como situações em que o argumento interno (especialmente o complemento direto de uma frase na voz ativa) não se realiza como complemento. Tal acontece nas orações passivas¹¹, nas orações inacusativas e incoativas (apresentar-se-ão na secção 1.2.2, dedicada às subclasses de verbos).

Do ponto de vista sintático, os argumentos do verbo podem ser realizados nas várias classes sintagmáticas, do tipo oração, sintagma nominal, sintagma preposicional ou sintagma adverbial. Do ponto de vista semântico, a cada argumento é atribuído um valor determinado pelo próprio verbo em função do seu sentido descritivo em cada

¹⁰ "No léxico que acompanha a gramática, cada predicador está associado a uma **entrada lexical** que contém informação sobre o seu sentido e o número de argumentos que seleciona. A entrada lexical do predicador deverá indicar (i) o papel temático que o predicador lhes atribuir – a **seleção semântica** do predicador; (ii) a sua classe sintagmática (sintagma nominal, sintagma preposicional, oração, etc.) – a **seleção estrutural** do predicador ou **subcategorização**; e (iii) a função gramatical que desempenham na frase, isto é sujeito, complemento direto, etc., – a **seleção funcional** do predicador. À componente da entrada lexical que contém a informação sobre os argumentos de um predicador chamamos **estrutura argumental**." (Raposo, 2013: 383-384).

¹¹ Na oração passiva, o sujeito realiza-se como argumento interno, pelo que este desempenha a função gramatical de complemento direto na sua versão ativa, enquanto o argumento externo (originalmente o sujeito na versão ativa) se realiza opcionalmente dentro do sintagma verbal com a introdução de uma preposição *por*. (Raposo, 2013: 385). Excluem-se as orações passivas neste estudo.

oração; assim, utiliza-se o termo *papel temático*¹² para indicar a função semântica de cada argumento nas situações descritas pelas frases.

Na secção seguinte 1.1.3, discutem-se as propriedades sintáticas e semânticas do argumento gramatical de sujeito e na secção 1.2.1 descrevem-se as propriedades sintático-semânticas do complemento direto, do complemento indireto e do complemento oblíquo.

1.1.3 SUJEITO: PROPRIEDADES SINTÁTICAS E SEMÂNTICAS

O argumento gramatical de sujeito é uma das relações gramaticais centrais numa oração e pode ser realizado através de um sintagma nominal ou de uma oração. Tipicamente o sujeito é pré-verbal, sendo, no entanto, possível deslocar-se para posição pós-verbal, quando é realizado como uma construção oracional complexa ou composta ou noutros contextos - p. e., *Existe um calendário que é bastante diferente do calendário ocidental* (ERA461-(b))¹³. Entretanto, o sujeito pode não ser realizado lexicalmente em frases finitas¹⁴ e também pode ser expletivo, quando ocorre com verbos impessoais¹⁵. Já em alguns contextos em que não existe um pronome tónico para exprimir o sujeito com interpretação indeterminada, o sujeito pode ser explicitado a) pelo clítico nominativo *-se* acompanhado da 3ª pessoa do singular de um verbo: *Diz-se que Paris é o paraíso para as mulheres*. (ERA895-(b)); b) pela 3ª pessoa do plural de um verbo com sujeito nulo (*Dizem que Paris é o paraíso para as mulheres*).

O sujeito, dependendo das propriedades do verbo pleno, pode desempenhar vários papéis temáticos, como por exemplo, o de *agente*, *origem/fonte*, *paciente (afetado)*, *experienciador*, *possuidor* e *causa*, os quais são ilustrados nos seguintes exemplos:

- (1) a. Eu (agente) estudo a língua portuguesa em Coimbra. (CA.A1.01 1.1A)
- b. A minha colega (agente/origem/fonte) ofereceu-me uma guarda-chuva. (ERA885-(a))
- c. A gente (paciente afetado) recebe comida e bebida de graça. (CA.C1.02 6.1B)
- d. Eu (experienciador) gosto de ler livros de amor. (CA.A1.02 1.1A)

¹² "Os papéis temáticos têm a ver com os valores semânticos dos argumentos e de alguns adjuntos adverbiais no enquadramento das situações descritas pelas frases, p.e., e utilizando uma linguagem não técnica: quem é responsável por uma situação, quem é afetado, quem se move, de onde e para onde, quem dá quem recebe, o que o quem causa o quê, e assim por diante." (Raposo, 2013: 370).

¹³ Os exemplos com códigos são retirados dos *corpora* de textos de aprendentes de PL2 a partir dos quais a base empírica desta investigação foi constituída. Sobre este processo, cf. o cap. 2 da presente dissertação.

¹⁴ "O português é uma língua que fixa o valor positivo para o Parâmetro do Sujeito Nulo e admite sujeitos sem realização lexical" (Duarte, 2003: 282), p.e., *Davamos o passeio pela praia* (CA.A2.82 75.3S.).

¹⁵ Exemplo: *Chove torrencialmente quando fui para casa*. (ERA894-(a)).

e. A Tailândia (possuidor) tem muitas praias bonitas. (CF.A2.01 33.1J)

f. A produção em serie (causa) mudou a história da indústria.

Em (1a e 1b), os sujeitos *Eu* e *A minha colega*, desempenhando um papel temático de *agente*, denotam uma entidade que efetua uma ação controlada de modo voluntário e consciente. Como o verbo *oferecer* em (1b) expressa o sentido de transferência de uma entidade para outra entidade, ao sujeito, sendo o ponto de partida desta transferência, é também atribuído um valor temático como *origem* ou *fonte*. Já *A gente*, em (1c), sofreu uma mudança nas suas posses. Neste caso, associamos o sujeito ao papel temático de *paciente* (*afetado*). Em (1d), o sujeito assume o papel temático de *experienciador* exigido pela semântica do verbo *gostar*. Em (1e), *A Tailândia* recebe do verbo *ter* o papel temático de possuidor. Na última frase (1f), *A produção em serie*, desempenha um papel temático de *causa* relativamente ao complemento direto *a história da indústria*.

A maior parte dos verbos em português seleciona o argumento gramatical de sujeito, designando-se *verbos pessoais*; existe, no entanto, uma pequena parte dos verbos que não seleciona o argumento com a função de sujeito, os quais se chamam *verbos impessoais* (Gonçalves e Raposo, 2013: 1193). Os verbos impessoais podem ser de três tipos: i) os verbos que denotam fenômenos meteorológicos e mudança do dia¹⁶; ii) o verbo *haver* no sentido existencial e os verbos *fazer* e *haver* no sentido durativo; iii) os verbos que regem a preposição *de* como *bastar*, *chegar* (no sentido análogo a *bastar* e não como verbo de movimento) e *tratar-se*.¹⁷ De todos eles, o único caso que seleciona o argumento como complemento direto é o verbo *haver* com sentido existencial¹⁸.

1.2 FRASES COM VERBO PLENO E ESTRUTURAS DE COMPLEMENTAÇÃO

Interessam-nos particularmente, no quadro da presente investigação, as estruturas de complementação, pelo que nos dedicaremos à caracterização mais detalhada dos complementos do verbo pleno, i.e. do complemento direto (na subsecção 1.2.1.1), do complemento indireto (na subsecção 1.2.1.2) e do complemento oblíquo (na subsecção

¹⁶ Este tipo de verbos é de zero lugares (intransitivo), não selecionando o argumento como sujeito nem argumentos como complementos, p.e., *chover*, *amanhecer*, *anoitecer*, *nevar*, etc.

¹⁷ Os verbos impessoais referidos em ii) e iii) têm capacidade de selecionar os complementos, mas apenas o verbo *haver* com sentido existencial pode coocorrer com complemento direto, os outros não.

¹⁸ Em certos contextos, o argumento selecionado por *haver* pode ser substituído por um pronome clítico acusativo, p.e., *Animais de estimação, havia-os em casa dos meus avós*. Este argumento não pode ser considerado como o sujeito pelo que não concorda com o verbo em pessoa e número.

1.2.1.3).

Os verbos plenos dividem-se em dois grupos, transitivo e intransitivo, em função dos seus esquemas relacionais; dentro destes grupos, subclassificam-se também vários tipos de verbos de acordo com a ocorrência dos diferentes complementos, o que será tratado na segunda parte do subcapítulo 1.2 (especificamente na secção 1.2.2).

1.2.1 TIPOS DE COMPLEMENTOS DO VERBO EM PORTUGUÊS

1.2.1.1 COMPLEMENTO DIRETO: PROPRIEDADES SINTÁTICAS E SEMÂNTICAS

O complemento direto (CD), do ponto de vista estrutural, pode ser um sintagma nominal ou uma oração (que é introduzida tipicamente por uma conjunção¹⁹), mas não pode ser (tipicamente) um sintagma preposicional.

De acordo com Duarte (2003: 288), podem usar-se alguns testes para a identificação do complemento direto nas orações. O primeiro teste é o da pronominalização, que consiste na substituição do sintagma nominal pelo pronome pessoal clítico acusativo (*me, te, o, a* e variantes plurais), como ocorre no exemplo (2a); quando o complemento direto é um constituinte oracional, como se ilustra no exemplo (2b), pode substituir-se por uma forma tónica do pronome demonstrativo em posição pós-verbal (*isso, isto, aquilo*) ou pelo clítico demonstrativo invariável *-o*.

(2) a. Eu gosto muito de um par de sapatos brancos que vejo na montra e resolvo experimentá-lo. (CA.A1.03. 33.1J)

b. Nós achamos que esta atividade é bom para fazer nos tempos livres.

Nós achamos isso.

Nós achamo-lo. (CF.A2.04 33.1J)

O segundo teste consiste em formular uma interrogativa de acordo com a sequência *quem / o que é que SU V?* O complemento direto forma uma resposta mínima não redundante a tal interrogativa (Duarte, 2003: 288). Assim, em (3), a resposta *Um par de sapatos brancos* permite identificar o complemento direto na frase

¹⁹ As conjunções distribuem-se do modo como se segue: (i) *que* introduz orações declarativas; (ii) *se* introduz orações interrogativas indiretas globais; (iii) *como* introduz orações exclamativas (Gonçalves e Raposo, 2013: 1165).

original:

(3) Eu comprei um par de sapatos branco na loja.(CA.A1.03. 33.1J)²⁰

P: *O que é que eu comprei na loja?*

R: *Um par de sapatos branco.*

O terceiro teste para a identificação do CD consiste em verificar se o complemento direto pode ou não assumir a função gramatical de sujeito quando a frase ativa for transformada em passiva, como por exemplo em (4):

(4) Eu comprei um par de sapatos brancos na loja.

Um par de sapatos brancos foi comprado por mim na loja.

Contudo, segundo Gonçalves e Raposo (2013: 1166), é necessário ressaltar que existem contextos em que os complementos não podem ocorrer em frases passivas com a posição de sujeito. Em português, considera-se que as frases passivas mais aceitáveis são aquelas em que, na voz ativa, o sujeito desempenha o papel temático agentivo e o complemento direto assume o papel de paciente ou de tema. Mais especificamente, existem restrições à conversão do complemento direto em sujeito na frase passiva quando o sujeito da frase ativa é um possuidor (cf., (5a,b)) ou um experienciador psicológico do estado mental descrito pelo predicador verbal (cf.,(5c,d)).

(5) a. A Tailândia tem muitas praias bonitas. (CF.A2.01 33.1J)

b. *Muitas praias bonitas são tidas pela Tailândia.

c. O meu filho quer essa bicicleta.

d. ? Essa bicicleta é querida pelo meu filho.

A fim de ilustrar as propriedades semânticas do complemento direto, considerem-se os seguintes exemplos nos quais os complementos diretos se encontram sublinhados:

(6) a. A minha querida senhoria levou-me para Óbidos. (ERA942)

b. A minha colega ofereceu-me uma guarda-chuva. (ERA885-(a))

Geralmente, o complemento direto assume o papel temático de *tema* (Gonçalves e Raposo, 2013: 1169). É o que acontece em (6a), em que o tema designa a entidade que

²⁰ Este exemplo é adaptado com base na frase “*Eu gosto muito de um par de sapatos brancos que vejo na montra e resolvo experimentar á-lo.*” de CA.A1.03 33.1J do *Corpus PEAPL2* (CELGA).

se localiza no domínio básico espacial e em (6b), em que *uma guarda-chuva* define a entidade no domínio da posse/transferência.

O complemento direto desempenha um papel temático de *paciente afetado* quando representa uma entidade preexistente que é afetada de algum modo por uma ação efetuada por um agente (cf. (7a)) ou provocada por uma força não consciente (cf. (7b)) (*Idem*: 1170). Para além de paciente afetado, o complemento direto também pode ser semanticamente o *paciente resultante*, segundo Gonçalves e Raposo (2013), quando denota a entidade criada como resultado do evento descrito pelo predicado, como em (7c).

- (7) a. Com sua paisagem formosa, este país convida os visitantes a passear, a se aventurar ou a respirar cá (ERA953)
b. O vento secou as toalhas.
c. Eu e as amigas portuguesas vivemos contentes e construímos uma boa relação. (CA.B1.05 52.2L)

Conforme ilustram os exemplos em (6) e (7), quando, na frase ativa, o sujeito apresenta o valor agentivo ou causativo, o complemento direto desempenha canonicamente o papel temático de tema ou de paciente.

Encontra-se também o papel temático de *experenciador* realizado como complemento direto. O CD com este papel temático é selecionado por um grupo de verbos que exprimem estados psicológicos de natureza emocional, sendo, ao mesmo tempo, verbos de alternância causativa-incoativa, tais como, *aborrecer*, *alegrar*, *assustar*, *preocupar* e *surpreender*, etc.. Neste caso, o complemento direto representa sempre a entidade [+ animada] (cf. (8)) (Gonçalves e Raposo, 2013: 1170):

- (8) a. A dificuldade da vida nunca te preocupa. (CA.C1.17 6.1B)
b. Queremos assustar as pessoas na rua com fogo de artifício. (ERA569)

Existem alguns casos em que o verbo descreve um movimento e o complemento direto denota um lugar que é *meta* ou *destino* final desse movimento (*Idem*: 1170). Nestes casos, é preciso também um complemento oblíquo preposicionado²¹ que desempenha, por seu turno, o papel temático de *tema* (cf. (9)):

- (9) a. O Zé carregou a carroça com lenha.
b. Os pais encheram a vida com imensos trabalhos.

²¹ Discute-se o complemento oblíquo preposicionado na subsecção 1.2.1.3

Em frases ativas, quando o sujeito desempenha o papel temático de *experienciador*, o complemento direto assume um papel temático de *estímulo* dessa experiência. Tal acontece com três tipos de verbos (Gonçalves e Raposo, 2013: 1170): verbos de percepção (*escutar, ouvir, sentir, ver*, etc.); verbos de natureza estativa que denotam uma atitude afetiva causada por algo ou alguém externo ao experienciador (como *adorar, odiar, temer*, etc.) e verbos como *encontrar* e *(re)conhecer* (cf. (10)).

- (10) a. Ouço música antes de dormir. (CA.A1.02 33.1J)
b. O Ronaldo adora futebol. (CF.A2.10 33.1J)
c. Quero conhecer mais s fios de Portugal. (ERA894-(a))

1.2.1.2 COMPLEMENTO INDIRETO: PROPRIEDADES SINTÁTICAS E SEMÂNTICAS

O complemento indireto (CI), conforme Duarte (2003: 289), deve ser introduzido pela preposição *a* ou realizado através de uma forma pronominal clítica dativa, como *me, te, lhe, lhes*. O complemento indireto denota tipicamente uma entidade [+animada] (cf., (11a)), mas também pode representar uma entidade [-animada], como se exemplifica em (11b,c):

- (11) a. A minha colega ofereceu uma guarda-chuva [à professora]. [+anim]
(ERA885-(a))
b. Os povos obedecem [à lei]. [-anim]
c. A Maria deu uma pintura [às estantes]²². [-anim]

A maior parte dos verbos que selecionam o complemento indireto seleciona, ao mesmo tempo, o complemento direto, ou melhor dizendo, entre os verbos que selecionam o complemento indireto, são mais numerosos os verbos de três lugares²³ (cf. (11a,c)). Existe, no entanto, um pequeno grupo de verbos de dois lugares que selecionam o sujeito e o complemento indireto (cf. (11b)).

Duarte (2003: 290) apresenta também dois testes para identificar o complemento

²² "O complemento indireto pode designar uma entidade não animada com os verbos leves *dar* e *fazer* seguidos de um complemento direto cujo núcleo é um nome deverbal" (Gonçalves e Raposo, 2013: 1175).

²³ Utiliza-se o termo enaridade proposto pelo Peres e Mória (1995: 50) para classificar os verbos plenos de acordo com o número dos argumentos selecionados: o verbo que seleciona um só argumento gramatical de sujeito chama-se verbo de um lugar; o verbo que seleciona o sujeito e um complemento chama-se verbo de dois lugares; o verbo de três lugares seleciona o sujeito e dois complementos e o verbo de quatro lugares seleciona três complementos e o sujeito; e o verbo que não seleciona sujeito nem complemento chama-se verbo de zero lugares.

indireto dentro de uma frase: o primeiro é que o CI pode substituir-se pela forma pronominal dativa; o segundo é que o CI pode formar uma resposta mínima não redundante em relação a uma interrogativa com o seguinte formato: *a quem / a que é que o SU V (CD)?* Aplicando-se este último teste à frase (11a), obtemos: *A quem é que a minha colega ofereceu uma guarda-chuva? –A mim.*

O complemento indireto pode desempenhar vários papéis temáticos em função das situações descritas no predicado:

- (12) a. A dona ofereceu-[nos] o quatro dela. (*destinatário*) (ERA841-(b))
- b. O Pedro comprou o livro [ao António]²⁴. (*origem*)
- c. A minha amiga escreveu (uma carta) [à mãe]. (*destinatário*) (ERA841-(c))
- d. O desenvolvimento da cidade vai trazendo [aos seus habitantes] vários benefícios. (*destinatário*) (CA.C1.22 69.3Q)

Como se pode observar nestas frases, e em conformidade com Gonçalves e Raposo (2013: 1173), o complemento indireto pode ter o papel temático de *destinatário* ou de *origem* dependendo do valor semântico do verbo. Entre (12a,c,d) e (12b), as estruturas frásicas são similares, mas são variáveis os papéis temáticos atribuídos aos complementos indiretos em função dos verbos diferentes. O complemento indireto tem o papel temático de *destinatário* com os verbos *oferecer*, *escrever*, *trazer*, e igualmente com verbos como *dar*, *dizer*, *entregar*, *explicar*, *falar*, *sorrir*, *vender*; neste caso, a *origem* é atribuída ao sujeito na frase. Já o complemento indireto é *origem* quando os verbos são *comprar*, *roubar*, *tirar*, sendo que o sujeito, nestes casos, desempenha o papel temático de *destinatário*. Estes são verbos de transferência, os quais descrevem um processo de transferência de uma entidade concebida com o papel temático de *tema*, a partir de uma *fonte/origem* para uma outra entidade atribuída com o valor temático de *destinatário*.

Gonçalves e Raposo (2013: 1174) indicam que, com alguns verbos, o complemento indireto tem secundariamente o papel temático de *beneficiário*, dependendo do envolvimento pessoal do seu referente no processo de transferência, especialmente se tem algo a ganhar ou a perder com ela. Deste modo, em (12a,c,d), o complemento indireto é simultaneamente *destinatário* e *beneficiário*.

Uma questão que surge frequentemente é se o sintagma preposicional (SP)²⁵ com o valor semântico de *beneficiário* introduzido pela preposição *para* deve ou não ser visto como um complemento indireto, quando este SP é semanticamente equivalente

²⁴ O exemplo é citado de Gonçalves e Raposo (2013: 1173), pelo que não se encontra nos *corpora* o mesmo caso a referir a situação em que o complemento indireto assume o papel temático de *origem*. Este exemplo é ambíguo entre o sentido em que o António é o vendedor do livro e o outro em que ele é o beneficiário.

²⁵ Um sintagma preposicional (SP) é uma expressão introduzida por uma preposição ou uma locução prepositiva (Duarte, 2003: 391).

àquele que é introduzido pela preposição *a*. De acordo com Gonçalves e Raposo (2013: 1178), o sintagma introduzido pela preposição *para* não manifesta a função equivalente àquele introduzido pela preposição *a*, isto é o SP com preposição *para* não desempenha a função de complemento indireto. Em português europeu, geralmente, o complemento indireto com o papel temático de *destinatário, origem, experienciador, possuidor, beneficiário* ou outro só admite a realização como um sintagma preposicional introduzido por *a*, como se verifica em (13):

- (13) a. A minha colega ofereceu uma guarda-chuva [à professora]. (ERA885-(a))
b. *A minha colega ofereceu uma guarda-chuva [para a professora].
c. A mãe mandou [ao filho] que comprasse umas garafas de água. (CA.A1.01 77.3T)
d. *A mãe mandou [para o filho] que comprasse umas garafas de água.

Verifique-se as frases em (14):

- (14) a. A mãe mandou [ao filho] que comprasse umas garafas de água. (CA.A1.01 77.3T)
b. Quando era criança, sempre pedi [aos meus pais] que me comprasse os brinquedos. (ERA569)

Os complementos indiretos destas duas frases desempenham um papel temático de *destinatário* porque os verbos ocorridos descrevem uma ação diretiva, a qual pode ser uma ordem, um pedido ou uma sugestão do sujeito. Estes verbos, como *ordenar, pedir, propor, mandar, sugerir* e *suplicar*, chamam-se, assim, verbos diretivos (Gonçalves e Raposo, 2013: 1174-1175).

Outros verbos de dois lugares que selecionam o complemento indireto são: os verbos existenciais como *bastar, chegar, faltar, sobrar*; os verbos existenciais que incorporam uma componente cognitiva, como *constar, ocorrer, parecer*; os verbos psicológicos como *agradar, apetecer, aprazer, convir, custar*, etc.; o verbo de posse *pertencer*; bem como os verbos como *(des)obedecer, resistir* e *sobreviver*, com os quais os complementos indiretos podem representar uma entidade [-humana] (*Idem*: 1175-1176). Observem-se os seguintes exemplos:

- (15)²⁶ a. Sobram-[lhe] / Faltam-[lhe] / Chegam-[lhe] 100 euros.
b. Pareceu-[lhe] que chovia.

²⁶ Os exemplos são adaptados do capítulo do Gonçalves e Raposo (2013: 1175) ou retirados dos *corpora* de textos de aprendentes de PL2 a partir dos quais a base empírica desta investigação foi constituída. Sobre este processo, cf. o cap. 2 da presente dissertação.

- c. O aluno agradeceu [ao professor].
- d. Apetecia-[me] falar do festival mais importante da China. (CA.C1.21 50.2L)
- f. Esse livro pertence [ao professor].
- g. Sobrevivemos [ao sismo].

Quando os verbos são psicológicos e existenciais com uma componente cognitiva, o complemento indireto desempenha um papel temático de *experienciador* psicológico. Já no caso de *pertencer*, o verbo de posse, o complemento indireto é um *possuidor*²⁷.

1.2.1.3 COMPLEMENTO OBLÍQUO: PROPRIEDADES SINTÁTICAS E SEMÂNTICAS

Para além do complemento direto e indireto, pode existir no predicado outro tipo de complemento com uma relação oblíqua, que se chama *complemento oblíquo* (OBL). O complemento oblíquo realiza-se dentro do predicado com ou sem a introdução da preposição, o que quer dizer que, dentro dos argumentos oblíquos, se distingue o complemento preposicionado do complemento não preposicionado. Em relação à questão do grau de incidência na complementação verbal em português, esclareça-se que os complementos oblíquos preposicionados manifestam uma alta frequência em comparação com a dos complementos oblíquos não preposicionados. Em (16), o complemento que se localiza imediatamente à direita do verbo é oblíquo não preposicionado, selecionado por verbos como *custar*, *durar*, *medir* e *pesar*, os quais exprimem o valor de entidades físicas ou abstratas numa escala quantitativa (Gonçalves e Raposo, 2013: 1181):

- (16) a. Uma garrafa de água custa 1,5 euros. (ERA885-(a))
- b. A festa durou uma semana. (CA.C1.07 6.1B)
- c. O Zé mede 2 metros.

O complemento oblíquo preposicionado, por sua vez, sendo introduzido por uma preposição, pode ser realizado através de um sintagma nominal, de uma oração finita ou de uma oração não finita. Em conformidade com Gonçalves e Raposo (2013: 1182), assinala-se a existência de uma regência entre o verbo e a preposição no predicado, isto é, o verbo não só seleciona o complemento oblíquo enquanto argumento, como também seleciona a preposição particular ou um pequeno conjunto de preposições

²⁷ No sistema de Jackendoff (1972), um possuidor também pode ser caracterizado pelo papel temático de locativo.

especiais. Por exemplo, em (17), *gostar* rege a preposição *de*; *preocupar-se* rege *com*; *esperar* rege *por*; *pensar* rege *em*:

- (17) a. Gosto muito de Arte e de geografia. (CA.C1.02 6.1B)
b. O meu amigo preocupa-te com a dificuldade do estudo. (CA.C1.17 6.1B)
c. Não vou esperar pela sua promessa com a minha vida toda. (ERA818)
d. Estou a pensar em comprar um roupa quente. (ERA885-(a))

O valor semântico dos complementos oblíquos preposicionados é bastante variado em função dos verbos diferentes. A maior parte dos verbos que pedem o complemento oblíquo preposicionado são verbos de localização espacial ou de movimento. Como se exemplifica com as frases em (18), os complementos oblíquos preposicionados que denotam a localização de uma entidade chamam-se *complementos de lugar onde* (18a); os que denotam a origem são designados *complementos de lugar de onde* (18g); os que descrevem o papel temático de *meta* são os *complementos de lugar a/para onde* (18c e 18e); e aqueles que denotam o lugar de passagem chamam-se *complementos de lugar por onde* (18i) (Gonçalves e Raposo, 2013: 1181-1183). Sublinham-se os complementos oblíquos que podem ser substituídos por advérbios locativos, sendo que a maior parte pode conviver com a preposição, exceto se esta for *em* ou *a* (18b e 18d):

- (18) a. Eu moro num apartamento muito bonito e tranquilo. (CA.C1.17 6.1B)
b. Eu moro lá (*Eu moro em lá)
c. Eu vou a Portugal. (CA.A1.02 33.1J)
d. Eu vou a í (*Eu vou a a í)
e. Nós partimos para a estação de comboio. (ERA578)
f. Nós partimos para lá
g. Não sa íde casa. (EERA895-(a))
h. Não sa ídaqui.
i. O autocarro passou pela faculdade.
j. O autocarro passou por ali.

Os complementos oblíquos preposicionados podem ainda veicular um valor de separação (cf. *A mãe afastou a filha do perigo*.) com a preposição *de*; de paciente afetado (cf. *O pai zangou-se com o filho*.), de origem (cf. *A criança recorre sempre aos pais*.) e de beneficiário (cf. *O marido ganha dinheiro pela esposa dele*.).

Alguns autores, entre os quais Duarte (2003: 294), optam por usar o termo *oblíquo* tanto para fazer referência a argumentos obrigatórios, isto é *complementos oblíquos*, como para designar estruturas opcionais do predicador verbal, isto é

oblíquos adjuntos. O complemento oblíquo não pode ser omitido, sob pena de termos uma frase agramatical (cf.(17c) **Não vou esperar (com) a minha vida toda.*). Pelo contrário, o *oblíquo adjunto* pode ser omitido sem que a frase se torne agramatical (cf.(17c) *Não vou esperar pela sua promessa.*).

1.2.2 SUBCLASSES DE VERBO PLENO

Representando o núcleo sintático e semântico com a capacidade da seleção dos argumentos gramaticais, os verbos plenos podem ser divididos em várias tipologias e um mesmo verbo pode pertencer a diferentes subclasses em função do contexto de ocorrência. Subclassificam-se os verbos plenos nos grupos transitivo e intransitivo, em função de estes selecionarem ou não os complementos (o que se discutirá na subsecção 1.2.2.1) e dentro de cada grupo subcategorizam-se vários tipos de verbos em função dos seus esquemas relacionais.

1.2.2.1 VERBOS TRANSITIVOS V.S VERBOS INTRANSITIVOS

Existem dois critérios diferentes em relação à classificação dos verbos transitivos e intransitivos nas gramáticas portuguesas de autores diferentes. Segundo Cunha e Cintra (1984: 513) e o Dicionário Terminológico, os verbos transitivos são aqueles que têm capacidade de selecionar tanto os complementos diretos quanto os indiretos e/ou os oblíquos, distinguindo-se os verbos transitivos diretos (o predicador verbal pede o complemento direto) dos verbos transitivos indiretos (o predicador verbal exige o complemento indireto ou oblíquo) e dos transitivos diretos e indiretos. Já aqueles que fazem parte do grupo intransitivo são os verbos que não exigem nenhum complemento, isto é os intransitivos são os verbos de zero lugares ou de um lugar que selecionam o argumento gramatical de sujeito.

Uma classificação diferente é adotada em Gonçalves e Raposo (2013: 1195). Para estes autores, os verbos são considerados transitivos se selecionarem um complemento direto, com ou sem outro tipo de complementos (indiretos e oblíquos), não se prevendo, assim, uma subclasse de verbos transitivos indiretos nos mesmos termos apresentados por Cunha e Cintra (1984: 513). Os verbos que integram o grupo intransitivo, não selecionando complemento direto, podem, contudo, selecionar, ou não, outros complementos. Assim, o único critério para distinguir o verbo transitivo do intransitivo reside na seleção ou não de um complemento direto. Este critério de classificação

corresponde ao também adotado por Tesnière (1966), segundo o qual o verbo transitivo é aquele que tem a capacidade de aparecer com o complemento direto, que é regido pelo verbo e completa o significado do verbo.

Na presente tese, seguimos o critério de Cunha e Cintra (1984) e do Dicionário Terminológico porque este é o mais aceitado e usado. Assim, as orações transitivas são aquelas que contêm os verbos transitivos diretos e/ou indiretos; pelo contrário, aquelas em que não ocorre nenhum complemento são chamadas orações intransitivas.

Os verbos dos grupos transitivo e intransitivo podem ser subdivididos em várias tipologias em função do número e da ocorrência (ou não) de argumentos, sendo que cada tipo de verbo tem o seu próprio esquema relacional, conforme se apresentar nas subdivisões seguintes.

1.2.2.1.1 VERBOS TRANSITIVOS

Nesta subdivisão tratamos as várias subcategorias de verbos transitivos diretos e indiretos de acordo com Cunha e Cintra (1984), bem como o verbo leve, que é um verbo transitivo direto especial em conformidade com Gonçalves e Raposo (2013). Na apresentação dos esquemas relacionais dos verbos de cada categoria, seguimos, de perto, Duarte (2003), com os necessários ajustes.

Verbos transitivos diretos

Os verbos transitivos diretos são de dois lugares, seleccionando um argumento externo de sujeito e um argumento interno de complemento direto. Veja-se as frases em (19):

- (19) a. [Eu]s estudov {a língua portuguesa} *CD* em Coimbra. (CA.A1.01 1.1)
b. [A minha família] s decide v {fazer uma viagem para Paris} *CD*. (CA.A1.13 6.1B)

Este grupo de verbos determina o seguinte esquema relacional:

S – V – CD

Verbos transitivos indiretos

Este grupo de verbos, selecciona um argumento externo com a função gramatical de sujeito e um argumento interno com a relação gramatical de complemento indireto ou complemento oblíquo.

Selecionam complemento indireto verbos tais como *agradar, bastar, constar, faltar, obedecer, pertencer, etc.*, cujo esquema relacional é S – V – CI

- (20)a. [O livro]_s pertence_v {ao professor}_{ci}.
b. [Os alunos]_s obedecem_v {aos regulamentos da escola}_{ci}.
c. Apeteci_v-{me}_{ci} [falar do festival mais importante da China]_s.(CA.C1.21 50.2L)

Selecionam complemento obl íquo preposicionado verbos como *assistir, chegar, entrar, depender, etc.* ou complemento obl íquo não preposicionado os do tipo *custar, pesar, durar, medir, etc.* (Cunha e Cintra, 1984).

- (21)a. [Eu]_s gosto_v muito {desta banda}_{obl}. (CA.B1.02 33.1J)
b. [Nós]_s chegámos_v cedo {à esta ção Coimbra-A}_{obl}. (CA.A2.82 75.3S)
c. [Cada garrafa de água]_s custa_v {1,5 euros}_{obl}. (ERA885-(a))
d. [A festa]_s durou_v {uma semana}_{obl}. (CA.C1.07 6.1B)

O esquema relacional deste tipo de verbos transitivos indiretos é

S – V – OBL

Verbos transitivos diretos e indiretos

Os verbos transitivos diretos e indiretos são verbos de três lugares e pedem, além do argumento externo com a função gramatical de sujeito, um argumento interno com função de complemento direto bem como um argumento interno preposicionado com a função de complemento indireto ou complemento obl íquo.

Quando selecionam complemento indireto, o seu esquema relacional é o seguinte:

S – V – CD – CI

- (22)a. [A senhora da loja]_s disse_v-(me)_{ci} {que essa marca era mais caro}_{cd}.
(CA.A1.01 77.3T)
b. Quando era criança, sempre [-]_s pedi_v (aos meus pais)_{ci} {que me comprasse os brinquedos}_{cd}. (ERA569)

Quando os verbos transitivos diretos e indiretos selecionam, em vez de complemento indireto, um complemento obl íquo, manifestam o esquema relacional seguinte:

S – V – CD – OBL

(23) a. [Os velhos]_S levam_V {as crian ças}_{CD} (aos museus e parques)_{OBL}. (ERA284)

b. [N ós]_S deix ámos_V {o desconto}_{CD} (na cart ão de continente)_{OBL}. (EERA895-(a))

Verbos transitivos-predicativos

Para al ém do sujeito, esta subclasse de verbos seleciona o complemento direto bem como um constituinte de natureza predicativa (Duarte, 2003: 297). O esquema relacional desta subclasse de verbos é

S – V – CD – PRED

(24) [A agita ção urbana e a discriminalidade]_S tornaram_V {a vida}_{CD} (mais perigosa)_{PRED}. (CA.B2.07 69.3Q)

Verbos leves

Em conformidade com Gonçalves e Raposo (2013: 1214–1217), em português existe um grupo pequeno de verbos transitivos que podem ocorrer ora como verbo pleno, ora como verbo leve. Os casos mais típicos são os dos verbos *dar*, *fazer* e *ter*. Sofrendo um processo de esvaziamento semântico, os verbos leves ficam incapazes de funcionar por si só como predicador único da oração, por isso selecionam obrigatoriamente uma expressão nominal a fim de que estes dois constituintes formem um predicador complexo. Assinala-se o facto de o núcleo central da predicação residir no complemento selecionado e não no verbo leve. Vejam-se os exemplos em (25) com o predicador complexo em itálico:

(25) a. *Quero dar-te uma explica ção.* (ERA841-(b))

b. *Os portugueses faziam o descobrimento mar tmo.* (CA.B1.06 52.2L)

c. *Tenho um plano de publicar um livro depois de regressar para a China.* (CA.C1.42 33.1J)

No entanto, o processo do esvaziamento semântico dos verbos leves não é completo, fazendo com que estes percam apenas uma parte do sentido descritivo básico dos verbos plenos correspondentes. Deste modo, os verbos leves preservam ainda uma parte do seu significado e preservam igualmente as propriedades de seleção argumental dos verbos plenos. Os verbos leves têm capacidade de manifestar propriedades de seleção semântica, isto é restringem as expressões nominais que podem com eles coocorrer²⁸. Ao mesmo tempo, os verbos leves manifestam uma

²⁸ Como, por exemplo, o verbo leve *dar*, quando se combina com um substantivo derivado de uma forma verbal, impõe restrições de seleção semântica sobre o sujeito distintas daquelas que são impostas pelo verbo pleno

sensibilidade às propriedades aspetuais das expressões nominais²⁹.

1.2.2.1.2 VERBOS INTRANSITIVOS

Os verbos intransitivos não selecionam qualquer complemento, mas podem selecionar ou não o sujeito, dividindo-se, assim em verbos transitivos de um ou de zero lugares. Os verbos intransitivos de um lugar tomam uma parte maioritária no léxico português: *brincar, correr, crescer, descansar, nascer*, são alguns exemplos. Quanto aos verbos intransitivos de zero lugares, estes denotam fenómenos meteorológicos do tipo *chover, nevar* ou a mudança de uma parte do dia para outra, como *anoitecer, amanhecer, entardecer* (Gonçalves e Raposo, 2013: 1197).

O esquema relacional dos verbos intransitivos de um lugar é a seguinte:

S – V

(26) a. [As crianças]_s brincam_v no jardim. (ERA284)

b. [O tempo]_s passa_v com presa. (CA.C1.02 6.1B)

Já o esquema relacional dos verbos intransitivos de zero lugares é

V

(27) a. Choveu!

b. Neva!

Verbos inergativos e inacusativos

Na classe de verbos intransitivos de um lugar, subcategorizam-se os verbos inergativos e os verbos inacusativos. A distinção entre os verbos inergativos e os verbos inacusativos tem a ver com propriedades diferentes apresentadas pelo argumento que exerce a função de sujeito. Numa frase, quando o sujeito se realiza como argumento externo do predicado, os verbos intransitivos são chamados *verbos inergativos*; geralmente, o sujeito, neste caso, assume o papel temático de *agente* e controla a situação descrita pelo predicado. Neste grupo, incluem-se os verbos como

relacionado com o nome, p.e., {O João/ O vento} empurrou a Maria (com toda a força) vs. {O João/*O vento} deu um empurrão à Maria (com toda a força), isto é com o verbo leve *dar* + sintagma nominal, o sujeito ocorrido deve ser [+animado].

²⁹ Segundo Gonçalves e Raposo (2013: 1216-1217), "o verbo leve 'fazer' pode combinar-se com substantivos derivados de verbos que denotam processos e não pode combinar-se com substantivos derivados de verbos que denotam pontos; e o verbo leve 'dar' pode combinar-se com um substantivo que denota um ponto mas não um substantivo que denota um processo; quanto ao verbo leve 'ter', pode-se combinar com substantivos que denotam situações não dinâmicas, o que não acontece com o verbo 'fazer'".

dormir, bocejar, espirrar, dançar, brincar e sorrir (Gonçalves e Raposo, 2013: 1203-1206). Vejam-se as frases em (28) que contêm os verbos em questão:

- (28) a. [A dona Ana]_s dormi_v no sofá. (ERA942)
b. [As crianças]_s correram_v no jardim. (ERA284)

Existem, no entanto, alguns casos em que o sujeito é realizado como um argumento interno, tal como os verbos *adoecer, adormecer, desaparecer, desmaiar, morrer e nascer*. Estes verbos fazem parte do grupo de *verbos inacusativos* (*Idem*: 1205) e os sujeitos selecionados por estes desempenham um papel temático de *paciente* ou de *tema*. A diferença entre os inacusativos e os inergativos é o papel temático distinto do sujeito. Verbos inacusativos ocorrem nos seguintes exemplos:

- (29) a. [-]_sNão consegui adormeci_v ontem a noite. (CA.C1.42 77.3T)
b. [O nível de preçõ]_s está sempre a crescer_v. (CA.B2.07 69.3Q)
c. [A relação entre deles]_s desenvolve-se_v em paz³⁰. (CA.B1.06 52.2L)

1.3 OUTRAS ESTRATÉGIAS DE COMPLEMENTAÇÃO

A relação entre complementos e verbo admite diferentes graus de dependência. Este aspeto está relacionado com as estratégias de elipse de complementos. Por outro lado, há verbos que admitem variações na atualização dos seus esquemas relacionais (estruturas argumentais). Na secção 1.3.1, trata-se a elipse de complementos no uso neutro; em seguida, na secção 1.3.2, discutir-se-á o uso absoluto do verbo transitivo; e na secção 1.3.3, serão abordadas as orações em que ocorrem verbos de alternância causativa-incoativa; por fim, na secção 1.3.4, apresenta-se uma construção especial em que o verbo seleciona necessariamente constituintes adverbiais com valor de modo.

1.3.1 ELIPSE DE COMPLEMENTOS

Como temos vindo a considerar, e nos casos que podemos designar neutros, os complementos verbais não podem ser omitidos, uma vez que estes completam o

³⁰ Muitos verbos inacusativos seguem obrigatoriamente um pronome reflexo, o que deve ser conjugado em pessoa e número, é designado ‘conjugação pronominal’ na gramática tradicional (Gonçalves e Raposo, 2013: 1206)

sentido do verbo. Assim, a respetiva omissão conduz à produção de enunciados estruturalmente mal formados e semanticamente não interpretáveis como, por exemplo: * *A minha amiga ofereceu*; * *A mãe comprou*; * *As crianças pediram*. Nestes casos, e na ausência de qualquer pista que permita a recuperação do conteúdo informacional respetivo a partir do contexto situacional e discursivo, é impossível que ocorra a elipse dos complementos verbais.

Contudo, existem algumas situações que admitem a omissão dos complementos no uso neutro: i) sempre que o complemento verbal tenha sido introduzido discursivamente numa situação textual anterior; ii) quando o referente do complemento verbal for identificável a partir do contexto situacional do enunciado, permitindo a recuperação pelo interlocutor (Gonçalves e Raposo, 2013: 1162).

1.3.2 VERBOS DE USO ABSOLUTO

Assinala-se a existência de um grupo de verbos que permitem a omissão de complementos, a qual não conduz à agramaticalidade nem compromete a interpretação frásica (Gonçalves e Raposo, 2013: 1207-1208). Trata-se de verbos de uso absoluto. Estes verbos incluem aqueles que denotam atividades biológicas ou culturais importantes para os seres humanos (*beber, comer, escrever, estudar, fumar e ler*), bem como aqueles de percepção física como *ouvir e ver*.

De acordo com Gonçalves e Raposo (2013: 1207), «o uso absoluto é uma estratégia linguística que permite destacar o processo descrito pelo verbo, a atividade em si, eliminando a culminação dessa atividade na entidade afetada». Analisem-se as seguintes frases (30), com os complementos omitidos em parênteses:

- (30)a. Ele não fuma (cigarros) quando trabalha.
b. Quando vamos ao café a gente come (comida) e bebe (bebida). (CF.A2.01 33.1J)
c. Eu pinto (pinturas) quando vejo algumas paisagens bonitas. (CF.A2.12 33.1J)

No uso absoluto do verbo, a omissão do complemento direto causa uma perda no plano da formação estrutural do predicado, mas não afeta a interpretação frásica, porque o complemento direto subentendido é passível de ser recuperado semanticamente com base no conhecimento do mundo (cf.(30)): “cigarro” para *fumar*, “comida” para *comer*, “bebida” para *beber* e “pintura” para *pintar*). Assim acontece na medida em que as atividades denotadas pelos verbos de uso absoluto são os comportamentos frequentes e habituais dos agentes.

1.3.3 VERBOS DE ALTERNÂNCIA CAUSATIVA-INCOATIVA

Os verbos de alternância causativa-incoativa são aqueles que selecionam um argumento externo de natureza causal (com o papel temático de *causa*) e um argumento interno que se realiza como *paciente*, *tema* ou *experienciador*. Este tipo de verbos pode ocorrer nas versões transitiva e intransitiva (Gonçalves e Raposo, 2013: 1208).

Quando transitivo, o argumento causal selecionado por este verbo realiza-se com a função gramatical de sujeito e a entidade de *paciente/tema/experienciador* realiza-se como complemento direto. O verbo descreve o processo através do qual o argumento interno (complemento direto) é afetado, sendo a mudança de estado promovida pelo argumento externo, quer dizer, pelo sujeito. Assim, estes verbos são designados *verbos causais* (*Idem*: 1209) e as orações em que ocorrem orações causais, como se ilustra em (31a,c).

Na versão intransitiva, assinala-se que o sujeito não funciona como argumento externo com o papel temático de *causa*, mas funciona como argumento interno com os papéis de *paciente/tema/experienciador*. Com este uso, chamam-se *verbos incoativos* (*Ibidem*: 1209), os quais denotam uma mudança de estado sofrida pela entidade representada pelo argumento interno, neste caso, o sujeito. As orações onde aparecem estes verbos são orações incoativas. Assim, todas as orações incoativas fazem parte do grupo das orações inacusativas, visto que todos os verbos incoativos formam também orações inacusativas. Veja-se em (31b,d):

- (31)a. O dono já tinha fechado o restaurante. (CA.A1.01 77.3T)
b. O restaurante já tinha fechado.
c. Os logistas subiram os preços dos produtos. (CA.B2.07 69.3Q)
d. Os preços dos produtos subiram.

Tal como aos verbos inacusativos, à maior parte dos verbos incoativos segue um pronome reflexo *-se*, que é invariável em pessoa e número, como se ilustra em (32b,d).

- (32)a. A dificuldade do estudo preocupa o meu amigo. (CA.C1.17 6.1B)
b. O meu amigo preocupa-se (com a dificuldade do estudo).
c. Assutamos as pessoas na rua com fogo de artifício. (ERA569)
d. As pessoas na rua assustaram-se (com o nosso fogo de artifício).

Nas orações incoativas, o argumento que denota a entidade causativa pode ser opcionalmente explicitado dentro do predicado numa forma oblíqua quando este

argumento é [-animado]³¹, e deve ser introduzido pela preposição *com* (Gonçalves e Raposo, 2013: 1211). Veja-se as frases em (32) com a ocorrência das causas.

Portanto, os esquemas relacionais de verbos de alternância causativa-incoativa podem ser definidas como em (33), distinguindo-se a oração causativa da oração incoativa:

(33)a. a oração causativa (transitiva):

S[agente/causa] – V – CD[tema/paciente/experienciador]

b. a oração incoativa (intransitiva):

S[tema/paciente/experienciador] – V(-se) – (OBL[causa])

1.3.4 CONSTITUINTES ADVERBIAIS COM VALOR DE MODO

Conforme Gonçalves e Raposo (2013: 1187), destaca-se, no português, a existência de um grupo de verbos, do tipo *cheirar*, *(com)portar-se*, *funcionar*, *sentir-se* e *vestir-se*, que selecionam um constituinte com o valor semântico de modo que pode ser realizado através de um advérbio, de um sintagma preposicional ou de uma oração relativa de modo. Este constituinte, apresentando os valores sintáticos e semânticos de um adjunto adverbial, é no entanto, obrigatoriamente selecionado por este grupo de verbos, o que torna o constituinte semelhante a um complemento. Apesar disto, este não pode ser considerado como um complemento uma vez que não representa nenhuma entidade na situação descrita pela frase nem desempenham um papel temático atribuído pelo verbo, apenas transmitindo um valor de modo. Veja-se os seguintes exemplos (sublinha-se os constituintes adverbiais):

(34)a. Alguns advérbios funcionam como complementos selecionados³².

b. Espero que tudo corra bem contigo. (CA.C1.07 6.1B)

c. O dia passou muito depressa. (ERA888-(a))

³¹ Gonçalves e Raposo (2013: 1211). O argumento causa não pode ser agente, isto é a causa não pode ser [+animado] quando ocorre dentro do predicado em oração incoativa (na versão intransitiva do verbo de alternância), cf., *A porta abriu-se com o João. (O João abriu a porta).

³² Este exemplo é citado do Gonçalves e Raposo (2013: 1187).

2. METODOLOGIA

2.1 PERFIL DOS INFORMANTES

Tendo como objetivo analisar as estratégias de complementação verbal na(s) interlíngua(s) dos aprendentes chineses, seleccionámos, no *Corpus* de Produções Escritas de Aprendentes de PL2 (*Corpus* PEAPL2) do Centro de Estudos de Linguística Geral e Aplicada (CELGA) da Universidade de Coimbra e no *Corpus* de Aquisição de L2 (*Corpus* CAL2) do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa (CLUNL), um total de 60 textos escritos por aprendentes que têm o chinês (mandarim e cantonês) como língua materna e que possuem diferentes níveis de proficiência da língua portuguesa. Os materiais seleccionados foram produzidos por 60 sujeitos de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 22 e os 36 anos.

Os textos do *Corpus* PEAPL2 apresentam-se classificados em 5 níveis de proficiência da língua portuguesa, de acordo com o nível da turma frequentada pelo aprendente na ocasião da recolha, e tendo por referência o Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (QECRL). Neste *Corpus*, encontramos somente 1 texto no nível B2 e um máximo de 10 textos em cada um dos restantes níveis (cf. Tabela 2.1). No sentido de completar os dados para estudo, recorreremos também aos textos disponíveis no CAL2. Neste *corpus*, os textos encontram-se categorizados em três níveis: nível de iniciação, nível intermédio e nível avançado.

<i>Corpora</i>	Nível de proficiência		Número de textos/ aprendentes	Número de palavras
<i>Corpus</i> PEAPL2 (CELGA)	Iniciação	A1	10	2488
		A2	7	
	Intermédio	B1	6	1831
		B2	1	
	Avançado	C1	8	2164
Total			32	6483
<i>Corpus</i> CAL2 (CLUNL)	Iniciação		3	308
	Intermédio		13	2783
	Avançado		12	1687
	Total		28	4778

Tabela 2.1- Distribuição dos textos recolhidos nos *corpora* por nível de proficiência dos aprendentes

No sentido de uniformizar a organização do *corpus* para análise, optámos por este último sistema de classificação e agrupámos os textos do *Corpus* PEAPL2 da seguinte forma: incluímos no nível *iniciação* os textos produzidos por aprendentes dos níveis

A1 e A2; os dos níveis B1 e B2 ficaram no grupo *intermédio*; os do nível C1 no grupo *avanzado*. Obtivemos, assim, 20 textos para cada um dos três níveis de proficiência linguística (cf. Tabela 2.2). Se considerarmos o número de palavras, os aprendentes do nível intermédio são os maiores produtores das palavras e os do nível de iniciação são os que dão um menor contributo.

Nível de proficiência	Número de textos/aprendentes	Número de palavras
Iniciação	20	2796
Intermédio	20	4614
Avanzado	20	3851
Total	60	10261

Tabela 2.2 – Amostra de textos para a análise

2.2 TEMAS E TIPOLOGIA DAS PRODUÇÕES

De acordo com a informação descritiva do *Corpus PEAPL2* (CELGA) da Universidade de Coimbra, cada produção foi realizada a partir de um estímulo e versa sobre uma determinada área temática. Foram utilizados estímulos que se inserem nas três áreas temáticas previstas no projeto do *Português Fundamental*³³: *Indivíduo*, *Sociedade* e *Meio Ambiente*. Em relação aos textos selecionados do *Corpus CAL2* (CLUNL), todas as produções se inserem em duas grandes áreas temáticas, a saber, *Indivíduo* e *Sociedade*. Em ambos os *corpora*, os textos em causa pertencem a diferentes tipos e géneros textuais: narrativo, argumentativo e epistolar.

Doravante, as referências ao *corpus* no nosso texto correspondem ao conjunto dos textos selecionados para base empírica da presente investigação.

2.3 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

O objetivo deste trabalho é analisar as estratégias de complementação verbal na(s) interlíngua(s) dos aprendentes chineses. Por “estratégias de complementação” entendemos a decisão relativamente à inserção ou não de um complemento verbal numa estrutura com verbo pleno, sendo que essas estratégias de complementação do aprendente podem resultar em enunciados quer convergentes quer divergentes com a gramática da língua alvo de aprendizagem. Para tal, procedemos ao levantamento

³³ Estas informações encontram-se detalhadamente descritas na página do *Corpus PEAPL2* e também em Martins (2013).

sistemático das ocorrências de todos os verbos plenos que podem ou não selecionar complementos (complemento direto, complemento indireto e complemento oblíquo) no português europeu padrão, tendo considerado apenas verbos pessoais e na voz ativa.

Optámos por excluir do presente estudo verbos impessoais, que apresentam propriedades sintática e semanticamente complexas. Não levando o argumento gramatical de sujeito, os verbos impessoais conjugam-se apenas na 3ª pessoa do singular e podem selecionar ou não um complemento; no entanto, no léxico português, a maior parte deles é intransitivo. Na tabela 2.3 ilustram-se alguns verbos impessoais extraídos do *corpus*³⁴.

Verbo	Exemplo
haver	“Como na residência só <i>há</i> quatro máquinas de lavar roupas.” (CA.B1.12 77.3T)
chover	“Uns minutos depois, <i>choveu</i> .” (ERA885-(a))
bastar	“ <i>Basta</i> ver os apartamentos grandes.” (CA.B2.07 69.3Q)
tratar-se	“ <i>Trata-se</i> duma região na Zona Temperada com 4 estações distintas...” (CA.C1.21 50.2L)

Tabela 2.3 – A exclusão dos verbos impessoais

Pelas razões expostas, foram excluídos também os verbos auxiliares e copulativos. No que respeita aos verbos auxiliares/semi-auxiliares (cf. Tabela 2.4), eles não descrevem um processo situacional por si só, pelo que não têm capacidade de selecionar complementos e coocorrem sempre com o verbo pleno. São utilizados para a formação de tempos compostos e também para veicular informação temporal, modal e aspetual.

Verbo	Exemplo
parecer ³⁵	“No entanto, o tempo de férias <i>parece</i> passar mais rápido do que imaginava.” (ERA576)
deixar de	“No entanto não <posso> /pude/ <i>deixar de</i> participar na maior festa académica de Coimbra.” ³⁶ (CA.C1.07 6.1B)
costumar ³⁷	“*Quando <teinha> tenho tempos livres, <i>costumo de</i> ir à <(.)> piscina com os meus amigos.” (CF.A2.09 33.1J)

Tabela 2.4 – A exclusão dos verbos auxiliares / semi-auxiliares

³⁴ Os verbos impessoais que encontramos nos *corpora* são basicamente estes 4 verbos, e alguns deles, como *haver* e *chover*, apresentam um número elevado de ocorrências. Apresentamos aqui, no entanto, um só exemplo de cada verbo.

³⁵ O verbo *parecer*, neste caso, é um verbo de elevação, sendo um subtipo de verbo auxiliar. O verbo de elevação deve combinar-se com o verbo pleno para formar uma oração semanticamente interpretável. Deste modo, exclui-se também o verbo *parecer*.

³⁶ Estes textos foram depois transcritos de acordo com as seguintes convenções (cf. Leiria, I. 2006 - *Léxico, aquisição e ensino do Português Europeu língua não materna*. Lisboa: FCG/FCT, p. 201): < xxx > segmentos riscados; < (...) > segmentos riscados ilegíveis; / xxx / segmentos acrescentados; /* xxx / leituras conjecturadas.

³⁷ O verbo *costumar* aqui funciona como um verbo semi-auxiliar.

Quanto aos verbos copulativos, encontram-se numa oração que exprime uma predicação de base adjetival ou nominal, que se chama oração copulativa; isto é os verbos copulativos funcionam como elemento de ligação entre o sujeito e o constituinte predicativo e denotam o estado ou a propriedade do sujeito. Logo, evidentemente, o verbo de cópula não pode selecionar complementos. Por esta razão, não incluímos os verbos deste tipo ao nosso estudo (cf. Tabela 2.5).

Verbo	Exemplo
manter-se	“Isto não só <i>se mantem</i> em forma como fazer exercício físico.” (CA.B1.13 33.1J)
sentir-se	“Quando eu estou a dançar, sempre oiço música e <i>sinto-me</i> relaxado.”(CF.A2.10 33.1J)
tornar-se	“Gostava de <i>se tornar</i> uma pianista excelente.”(CF.A2.09 33.1J)
parecer	“Alguém disse-me que <i>parecia</i> uma mulher doméstica.” (CA.B1.07 33.1J)

Tabela 2.5 – A exclusão dos verbos copulativos

Tendo em conta a nossa análise, focada nos verbos plenos na voz ativa, excluimos também os verbos pronominais passivos, como ilustram alguns exemplos na Tabela 2.6. Nestes exemplos, o sujeito é o argumento interno do verbo e desempenha, na voz ativa, a função de complemento direto; o pronome *–se* corresponde ao argumento interno.

Verbo	Exemplo
realizar-se	“*Assim /alguns/ dos meus sonhos já <i>realizaram</i> ”. (CA.B1.07 33.1J)
ofender-se	“Puderia nos dar azar porque (o) <i>se ofendem</i> as (re) súplicas regras do mundo.” (ERA461-(b))
dividir-se	“ <i>Divide-se</i> o país em 31 províncias e 2 regiões especiais.” (CA.C1.21 50.2L)
caracterizar-se	“ <i>Caracteriza-se</i> pela planície extensa e uma cadeia de serras denominada Taihang.” (CA.C1.21 50.2L)
arrastar-se	“Não é difícil encontrar as tradições antigas que <i>se arrastam</i> no decurso do tempo.” (CA.C1.21 50.2L)
resolver-se	“Venho aqui por este meio responder à senhora que esse assunto já <i>se resolver</i> logo depois do pagamento do senhor Macário.” (ERA841-(d))

Tabela 2.6 – A exclusão dos verbos pronominais passivos

Foram também excluídos os casos que envolvem problemas de seleção lexical. Como se ilustra na Tabela 2.7, são de dois tipos os fatores que causam essa máseleção verbal: o primeiro é a similaridade formal, por exemplo, *aluminar* e *iluminar*, *trocar* e *tocar*, *queixar* e *queimar*, *resolver* e *resultar*, *viesses* (*vir*) e *vivessem* (*viver*); o

segundo é a similaridade semântica, como *brincar* e *jogar*, *educar* e *ensinar*, *crescer* e *aumentar*, etc.

Verbo mal usado	Verbo alvo	Exemplo
brincar	jogar	“*Eu gosto de <i>brincar</i> no computador.” (CF.A2.04 33.1)
extinguir	atingir	“*Os portugueses faziam o descobrimento marítimo e <i>extingia</i> todo o mundo.” (CA.B1.06 52.2L)
trocar	tocar	“* <i>Trocam</i> os instrumentos musicais.” (ERA885-(b))
educar	ensinar	“*O português <i>educou</i> -me como fazer.” (ERA889)
crescer	aumentar	“*O nível de preço está sempre a <i>crescer</i> .” (CA.B2.07 69.3Q)
aluminar	iluminar	“*Lançar fogos artificiais que <i>aluminam</i> todos os lados ferventes.” (CA.C1.21 50.2L)
queixar	queimar	“*Passámos férias sem fogo-de-artifício Apenas olhamos outras crianças <i>queixarem</i> -nos.” (ERA569)
resultar	resolver	“*Os pais não podem <i>resultá</i> -la, precisam da ajuda da sociedade.” (ERA284)
vir	viver	“*...todas as pessoas exclamam a história tão brilhante, como se <i>viessem</i> na antiguidade.” (ERA940)

Tabela 2.7 –Casos de máseleção lexical

2.4 METODOLOGIA DE ORGANIZAÇÃO DOS DADOS

Nível de proficiência	Número de verbos incluídos
Nível de Iniciação	341
Nível Intermediário	455
Nível Avançado	382
Total	1178

Tabela 2.8 – Número total de verbos incluídos por nível de proficiência

Optámos pela ferramenta de EXCEL para realizar o registo e tratamento dos dados. A partir dos textos seleccionados, recolhemos no **Quadro Matriz 1** (Anexo 1) os segmentos de textos que contêm verbos elegíveis (atendendo aos critérios de inclusão e de exclusão definidos). Deste modo, obtivemos um total de 1178 casos de formas verbais elegíveis para o estudo, produzidas por aprendentes dos três níveis de proficiência, distribuídas em conformidade com o que se apresenta na tabela 2.8.

Depois de fazer um levantamento exaustivo de todos os verbos que cumpriam os critérios de inclusão, distinguimos os casos de convergência com a gramática da língua alvo dos casos de divergência. Assim, para cada nível e cada verbo elegível,

identificá-los e analisá-los todos os casos de ocorrências convergentes e divergentes entre as estruturas argumentais pedidas na língua alvo de aprendizagem (o português europeu) e as efetivamente realizadas pelo aprendente. Nos casos de estruturas divergentes, identificá-los e classificá-los as estratégias de complementação desviantes.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da recolha dos dados empíricos do *Corpus* PEAPL2 e do *Corpus* CAL2 descrita no capítulo 2, obtivemos um conjunto de 1178 casos elegíveis para a nossa discussão detalhada. Neste capítulo, temos como objetivo apresentar uma caracterização específica dos comportamentos quer desviantes quer convergentes de complementação verbal, em função dos diversos esquemas relacionais dos verbos e dos três níveis de proficiência dos aprendentes que os usaram nos textos produzidos. Atendendo a este objetivo principal, contabilizámos as ocorrências convergentes e elaborámos uma classificação categorial para agrupar os desvios, procurando, assim, encontrar pistas que nos orientem para um entendimento mais profundo das estratégias de complementação verbal pelas quais optam os aprendentes chineses de PLE.

Em primeiro lugar, no subcapítulo 3.1, serão explicitados os resultados globais para termos uma noção generalizada sobre os desempenhos dos aprendentes chineses na complementação verbal. Em segundo lugar, no subcapítulo 3.2, apresentar-se-á a tipologia de desvios adotada no tratamento dos dados extraídos do *corpus* e também se mostrarão as distribuições desses desvios em função dos esquemas relacionais dos verbos utilizados pelos aprendentes e dos respetivos níveis de proficiência linguística; feita esta apresentação, descrever-se-ão as características de cada categoria de desvios, bem como os principais tipos de fenómenos desviantes apurados. No último subcapítulo, 3.3, chegaremos a uma síntese dos padrões gerais observados da nossa análise dos dados.

3.1 RESULTADOS GLOBAIS

A partir do **Quadro Matriz 1** (Anexo 1), obtivemos uma contagem dos casos convergentes (1080) e divergentes (98), como se sintetiza na tabela 3.1, a qual reflete uma grande diferença entre os dois conjuntos de dados. Especificamente, conforme o gráfico 3.1, os casos convergentes apresentam uma percentagem de 92% em relação aos casos totais, ao passo que os casos divergentes correspondem a uma percentagem menor (8%). De um modo geral, podemos, então, dizer que os aprendentes chineses têm um bom domínio da complementação verbal, pois, de acordo com os dados, não cometem muitos desvios relativamente à totalidade da amostra.

Totalidade dos casos	Número de casos convergentes	Número de casos divergentes
1178	1080	98

Tabela 3.1 – Ocorrências de casos convergentes e divergentes na totalidade da amostra

■ Casos convergentes ■ Casos divergentes

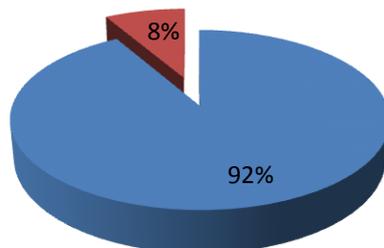


Gráfico 3.1 – Percentagem dos casos convergentes e divergentes

Observando agora a distribuição dos casos convergentes e divergentes pelos níveis de proficiência dos aprendentes, temos a tabela 3.2:

Nível do aprendente	Número de casos convergentes	Número de casos divergentes	Total
Iniciação	301	40	341
Intermédio	421	34	455
Avançado	358	24	382

Tabela 3.2 – Número de ocorrências convergentes e divergentes por nível do aprendente

De acordo com esta tabela, no nível intermédio gera-se o maior número total de ocorrências, logo seguido do nível avançado e, finalmente, do nível de iniciação; nota-se que os números de ocorrências convergentes seguem também essa mesma tendência. Quanto aos casos divergentes, o nível inicial, cometendo mais desvios (40), mostra um número próximo do do nível intermédio (34), ao passo que o nível avançado apresenta um valor inferior (24).

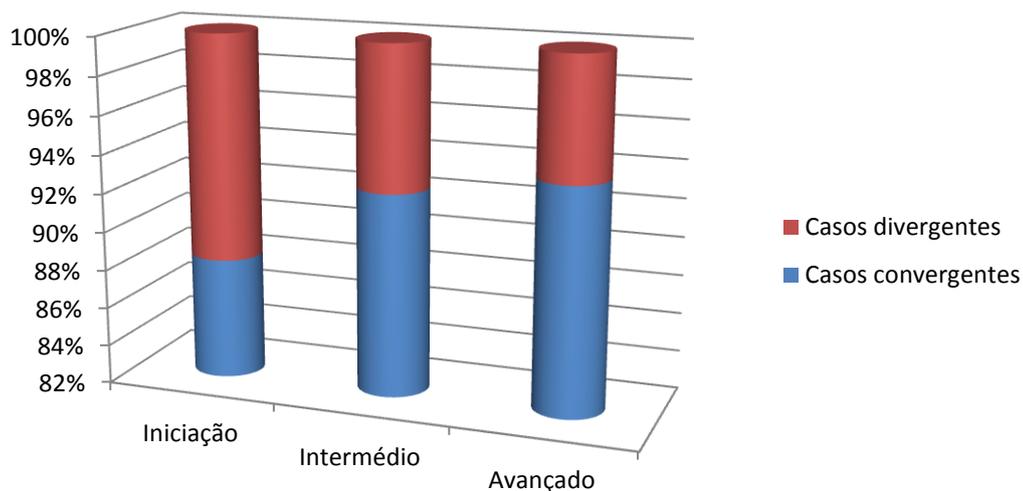


Gráfico 3.2 – Percentagem dos casos convergentes e divergentes por nível do aprendente

No gráfico 3.2, representam-se percentualmente os dados apresentados na tabela 3.2. Deste modo, torna-se óbvio que a percentagem dos casos divergentes está a decrescer desde o nível inicial até ao nível avançado; em contrapartida, a percentagem dos casos convergentes aumenta de modo inversamente proporcional. Embora sejam próximos os números de desvios encontrados no nível de iniciação e no nível intermédio, quando relacionamos o número de desvios com o número total de cada nível, ficamos a saber que o nível de iniciação é de facto, e como se esperaria, o mais problemático.

Relativamente aos números que refletem a distribuição das ocorrências (convergentes e divergentes) pelos diferentes esquemas relacionais atestados, veja-se a tabela 3.3:

Esquema relacional	S-V-CD	S-V-CD-(CI) ³⁸	S-V-CI	S-V-OBL	S-V-CD-CI	S-V-CD-OBL	S-V-OBL-OBL ³⁹	S-V-CI-OBL ⁴⁰	S-V-CD-PRE	S-V	S-V-ADV ⁴¹
Número de casos convergentes	598	12	9	275	34	21	1	0	2	120	8
Número de casos divergentes	23	1	0	58	4	7	0	1	0	4	0
Total	621	13	9	333	38	28	1	1	2	124	8

Tabela 3.3 – Número de ocorrências convergentes e divergentes de cada esquema relacional

Do ponto de vista geral, os verbos que determinam o esquema S-V-CD possuem um maior número de ocorrências, neste caso 621 casos, correspondendo a cerca de metade de todos os dados elegíveis; seguem-se os verbos que atualizam o esquema S-V-OBL e os verbos intransitivos (S-V), 333 e 124 casos, respetivamente. Em relação aos esquemas referidos, os verbos transitivos diretos e indiretos com complemento indireto (S-V-CD-CI) e os verbos transitivos diretos e indiretos com complemento oblíquo (S-V-CD-OBL) mostram índices de ocorrência relativamente baixos (38 e 28 casos, respetivamente). No entanto, quanto aos restantes esquemas, especialmente os S-V-OBL-OBL, S-V-CI-OBL e S-V-CD-PRE, estes apresentam um número de ocorrências extremamente reduzido na nossa base de dados.

Numa análise mais específica, é visível que os esquemas relacionais S-V-CD e S-V-OBL, que contribuem com mais ocorrências, apresentam o maior número absoluto quer de casos convergentes, quer de casos divergentes em comparação com outros esquemas (cf. Tabela 3.3). Embora os outros esquemas contenham poucas ocorrências divergentes, não deixaremos de lhes prestar atenção. Para uma visão mais clara do peso relativo deste tipo de desvios, é necessário observar o seu valor percentual em relação às ocorrências convergentes, como se verifica no gráfico 3.3.

Aliás, é preciso realçar que os quatro esquemas (S-V-CI, S-V-OBL-OBL,

³⁸ Alguns verbos transitivos diretos e indiretos admitem a forma implícita do complemento indireto, quando selecionam (sujeito e) oração completiva; este complemento indireto opcional desempenha o papel temático de destinatário do ato declarativo. (Raposo, 2013: 1861)

³⁹ O verbo com esquema relacional S-V-OBL-OBL seleciona dois complementos oblíquos, p.e., *Eu falei com eles da minha situação.* (CA.A1.01 77.3T).

⁴⁰ O esquema S-V-CI-OBL indica que o verbo seleciona o complemento indireto e o complemento oblíquo, encontramos o verbo *queixar*, nos casos desviantes, que corresponde a este esquema, p.e., **Queremos assutar outra pessoa na rua. um dia, um vizinho foi feriado pelos nossos fogo-de-atrificio e queixou aos meus pais.* (ERA569).

⁴¹ De acordo com Gonçalves e Raposo (2013: 1187), alguns verbos plenos selecionam os constituintes adverbiais com o valor de modo, então aqui se definem com o esquema relacional S-V-ADV, p.e., os verbos *correr* e *passar* nos exemplos: *Espero que tudo corra bem contigo.* (CA.C1.07 6.1B); *O dia passou muito depressa.* (ERA888-(a)).

S-V-CD-PRE e S-V-ADV) não apresentam nenhum caso desviante provavelmente também porque são extremamente limitadas das suas ocorrências totais nos dados recolhidos.

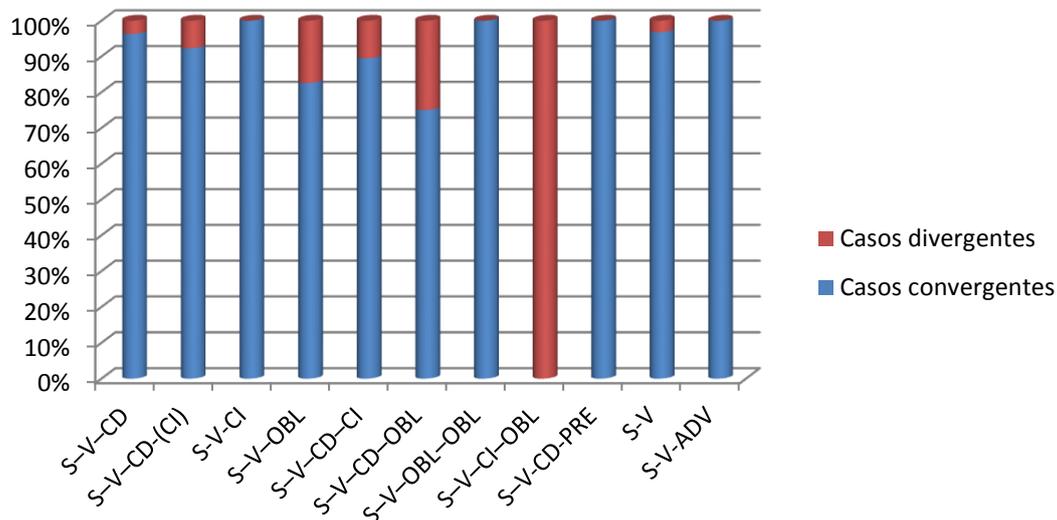


Gráfico 3.3 – Percentagem dos casos convergentes e divergentes de cada esquema relacional

Deste gráfico 3.3, o que é mais visível é que dominam os casos convergentes quase em todos os esquemas com exceção do esquema S-V-CI-OBL, cuja única ocorrência é divergente. Excetuando este caso isolado do esquema S-V-CI-OBL, podemos observar que o esquema S-V-CD-OBL é na verdade, o mais problemático de todos, isto é apresenta uma percentagem de desvios mais alta do que os outros, seguindo-se os esquemas S-V-OBL e S-V-CD-CI.

Pode verificar-se que a percentagem dos desvios do esquema S-V-CD não se destaca neste gráfico, embora manifeste um número de casos divergentes relativamente alto (cf. tabela 3.3). Temos ainda os esquemas como S-V-CD-(CI) e S-V que apresentam uma percentagem dos casos divergentes muito baixa.

3.2 OCORRÊNCIAS DESVIANTES

3.2.1 TIPOLOGIA DE DESVIOS: CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS

Na investigação linguística sobre as gramáticas de interlíngua dos aprendentes de uma língua não materna, quer como língua segunda (LS), quer como língua estrangeira (LE), e tendo como objetivo identificar as tendências que os aprendentes seguem, as

estratégias pelas quais optam aquando das suas produções linguísticas e as características que estas evidenciam, recorre-se tradicionalmente ao levantamento e organização dos fenómenos não convergentes com a língua alvo (designados “desvios” neste trabalho). Uma taxonomia de erros desenvolvida para o tratamento de dados de PLS por Gonçalves (1997: 13), e aplicada igualmente por Leiria (2006) nos dados de PLE, tem sido recorrentemente usada noutros trabalhos para análises de desvios. Trata-se de uma tipologia baseada em *categorias linguísticas tradicionais*, pois os desvios são classificados em função de categorias linguísticas, tais como o léxico, a fonologia, a morfologia, a sintaxe e a semântica, bem como categorias de interface (como a léxico-sintaxe). Outra forma complementar de sistematizar os dados em tais taxonomias passa pelo recurso a categorias com base em “estratégias de superfície”, dando indicações sobre operações de adição, omissão, substituição e re-ordenamento que ocorrem em produção das unidades linguísticas por parte dos aprendentes (Stroud & Gonçalves, 1997).

Uma vez que a nossa investigação se focaliza na complementação verbal, um fenómeno com uma dimensão sintático-semântica ou mesmo léxico-sintática, elaborámos uma classificação tendo por base quatro categorias de ocorrências: **argumento** (seleccionado por verbos), **preposição** (que introduz o complemento indireto e os complementos oblíquos), **conjunção oracional** (que introduz constituintes oracionais completivos) e **pronome pessoal inerente** (constituente intrínseco requerido por certos verbos)⁴² (como se verá na Tabela 3.4). Dependendo dos desvios afetos a cada uma destas categorias, criaram-se várias subcategorias, tais como **adição**, **supressão** e/ou **substituição** de constituintes. Também se levaram em consideração aspetos relativos à seleção semântica no quadro da categoria **argumento**, através de uma subcategoria que aqui se designa **inadequação semântica**. Uma categoria similar também é considerada em Peres e Mória (1995), sendo, no entanto, por estes autores, separada dos outros problemas sintáticos.

argumento	preposição	conjunção oracional	pronome pessoal inerente
a. adição	a. adição	a. supressão da	a. adição
b. supressão	b. supressão	conjunção que	b. supressão
c. substituição	c. substituição	introduz a oração	
d. inadequação semântica		completiva	

Tabela 3.4 - Categorização dos desvios

⁴² Nesta categoria de **pronome pessoal**, incluem-se somente os casos desviantes relativos ao uso do pronome inerente requerido por certos verbos. Não se incluem os desvios relativos aos casos que funcionam como complementos pedidos por verbos, pois estes serão tratados na categoria de **argumento**.

De acordo com a Tabela 3.4, podemos concluir que as diferentes estratégias de superfície desviantes não ocorrem em todas as categorias. A partir da leitura desta tabela, já obtivemos, de resto, uma noção dos comportamentos gerais dos aprendentes chineses quanto à complementação verbal.

Com o objetivo de descrever de modo mais detalhado os resultados apurados e permitir, ao mesmo tempo, uma abordagem de natureza qualitativa dos comportamentos de complementação verbal registados, recorrer-se-á igualmente, na secção seguinte, a uma especificação das subcategorias agora apresentadas, dando assim conta, entre outros, dos argumentos ou das preposições efetivamente suprimidos, adicionados ou substituídos.

3.2.2 ANÁLISE DA DISTRIBUIÇÃO DOS DESVIOS

Observe-se a tabela 3.5, na qual se fornece uma contagem dos desvios detalhadamente apresentados no **Quadro Matriz 2** (Anexo 2), por cada categoria e subcategoria.

Categoria	Subcategoria	Número de desvios	Total
argumento	adição	4	17 (17%)
	supressão	6	
	substituição	2	
	inadequação semântica	5	
preposição	adição	6	65 (67%)
	supressão	45	
	substituição	14	
conjunção oracional	supressão da conjunção que introduz a oração completiva	9	9 (9%)
pronomes pessoais inerentes	adição	5	7 (7%)
	supressão	2	
Total			98 (100%)

Tabela 3.5 - Contagem dos desvios por categoria e subcategoria

De acordo com a tabela, é evidente que predominam, na totalidade dos desvios, os que dizem respeito à categoria de **preposição** (67%). Em concreto, dentro desta categoria, a **supressão de preposições** concentra o maior número de desvios, destacando-se, de resto, entre todas as subcategorias, pois apresenta 45 casos, o que

corresponde a quase metade do total dos desvios. As outras duas subcategorias - a **adição** e a **substituição de preposições** - também contribuem para que esta categoria se torne a mais problemática na complementação verbal realizada pelos aprendentes chineses. Na subseção 3.2.2.2, apresentar-se-á uma discussão mais pormenorizada dos comportamentos relativos ao uso de preposições por parte dos aprendentes chineses.

A categoria de **argumento** também reclama alguma da nossa atenção, pois concentra uma percentagem de 17% de ocorrências desviantes. Dentro desta categoria, os problemas relativos à **adição**, **supressão** e **inadequação** semântica de argumentos merecem também uma análise mais pormenorizada, o que se fará na subseção 3.2.2.1. As outras duas categorias, **conjunção oracional** e **pronome pessoal inerente**, não podendo ser ignoradas, apresentam um peso menor na contribuição para o número total dos desvios. É importante realçar que, além das conjunções que introduzem as orações completivas finitas, também as preposições servem para introduzir orações completivas não finitas; sendo assim, estabelecer-se-á uma relação entre os desvios relativos aos dois tipos de elementos na subseção 3.2.2.3. No que respeita ao uso do pronome pessoal inerente, apresentar-se-á também, na subseção 3.2.2.4, uma relação entre os desvios relativos aos pronomes inerentes e os relativos aos pronomes reflexos encontrados na nossa base dos dados.

Depois de ter uma visão global dos desvios em cada subcategoria agora referida, será necessário considerar também os números relativos à sua distribuição pelos esquemas relacionais determinados pelos verbos. Veja-se a tabela 3.6.

Categoria	Subcategoria	Número das ocorrências desviantes por esquema relacional						Total	
		S-V-CD	S-V-C D-CI	S-V-C D-(CI)	S-V-CD-OBL	S-V-OBL	S-V-CI -OBL		S-V
argumento	adição	1				2		1	4
	supressão	4			2				6
	substituição	1				1			2
	inadequação semântica	3				2			5
	Total	9	0	0	2	5	0	1	17
preposição	adição	4	1			1			6
	supressão				3	42			45
	substituição		3		2	9			13
	Total	4	4	0	5	52	0	0	65
conjunção oracional	supressão da conjunção que introduz a oração completiva	8		1					9
	Total	8	0	1	0	0	0	0	9
pronomes pessoais inerentes	adição	2				1		2	5
	supressão						1	1	2
	Total	2	0	0	0	1	1	3	7
Total		23	4	1	7	58	1	4	98

Tabela 3.6 - Distribuição dos desvios em função dos esquemas relacionais

A análise da tabela 3.6, suscita as seguintes observações:

O esquema relacional que mais dificuldades oferece é S-V-OBL, como já se observou quando da apresentação dos resultados globais, na tabela 3.3, pelo que não se estranhará que seja no quadro dos usos de verbos com este esquema que mais desvios ocorrem envolvendo preposições (52 das 58 que atingem os verbos deste tipo). A **supressão de preposições** é a estratégia que mais determina este grande número.

Outro esquema relacional que integra complemento oblíquo é o tipo S-V-CD-OBL. Apresentando também desvios de **supressão** e **substituição de preposições**, estes são em menor número comparando com os do esquema S-V-OBL, por causa da frequência de ocorrência reduzida de verbos S-V-CD-OBL no *corpus* estudados.

Portanto, pode considerar-se que a supressão de preposições de complemento oblíquo é o problema mais recorrente na estratégia de complementação verbal dos aprendentes chineses. Leiria (2006: 278) também refere, de resto, que a omissão é o problema que motiva o maior número de desvios no uso de preposições pelos

aprendentes de LE.

Os esquemas relacionais que contêm outro complemento preposicionado - complemento indireto - neste caso, o S-V-CD-CI, manifestam também ocorrências desviantes nesta categoria. Destaca-se o problema relativo à seleção de preposição, nomeadamente à substituição da preposição *a*. Quando especificarmos a caracterização dos desvios na subsecção 3.2.2.2, discutiremos com mais detalhe esta questão.

Outro esquema relevante no quadro da discussão da categoria de **preposição** é o esquema S-V-CD, uma vez que, neste caso, ocorrem muitos desvios decorrentes da adição de preposições. Mais especificamente, os dados indicam que o aprendente acrescenta uma preposição entre o verbo e o complemento direto, revelando dificuldade em distinguir o verbo transitivo direto do transitivo indireto.

Mas é para a categoria de **argumento** que o esquema relacional S-V-CD contribui com o maior número de desvios (9 de 17), sendo que este número representa, portanto, quase a metade do número total de desvios relativos a esta categoria. Dentro destes desvios, a **supressão de argumentos** é o comportamento mais relevante.

Por sua vez, na categoria de **conjunção oracional**, ou melhor dizendo, na subcategoria de **supressão** de conjunção oracional que introduz a oração completiva predominam claramente os desvios relativos a verbos do esquema S-V-CD, como seria de esperar, já que a maior parte dos argumentos oracionais correspondem ao CD.

Quanto à categoria de **pronome pessoal inerente**, é evidente que os verbos intransitivos (S-V) contribuem com mais desvios, nomeadamente de **adição de pronome**. Esta é sempre uma grande dificuldade para os aprendentes chineses, porque não existe uma categoria linguística equivalente na sua língua materna.

Para obtermos uma visão da distribuição das diferentes categorias de desvios pelos níveis de proficiência, observemos a tabela 3.7:

Categoria	Subcategoria	Nível de proficiência dos aprendentes			Total
		Iniciação	Intermédio	Avançado	
argumento	adição		4		4
	supressão	2	2	2	6
	substituição		1	1	2
	inadequação semântica	1	4		5
	Total	3	11	3	17
preposição	adição	3	1	2	6
	supressão	19	14	12	45
	substituição	10	1	3	14
	Total	32	16	17	65
conjunção oracional	supressão da conjunção que introduz a oração completiva	4	2	3	9
	Total	4	2	3	9
pronome pessoal inerente	adição	1	4		5
	supressão		1	1	2
	Total	1	5	1	7
Total		40	34	24	98

Tabela 3.7 - Distribuição dos desvios por nível do aprendente

A análise da tabela revela um resultado global esperado: os aprendentes do nível de iniciação mostram o maior número de desvios, logo seguidos pelos do nível intermédio, ao passo que ocorrem menos desvios no nível avançado. Para além disto, apenas os desvios do nível intermédio atingem todas as subcategorias. Nas categorias de **argumento** e de **pronome pessoal inerente**, o nível intermédio apresenta um número maior de desvios; o nível de iniciação mostra mais desvios na categoria de **preposição**; e na categoria de **conjunção oracional**, os aprendentes dos três níveis apresentam números de ocorrências desviantes muito próximos.

Atendendo aos resultados por subcategorias, podemos ainda extrair outras conclusões.

Assim, no que concerne à categoria de **argumento**, como já tinha sido mencionado atrás, o que é mais relevante é o problema da **supressão de argumentos**. Ora, para esta subcategoria de desvios os aprendentes de qualquer um dos três níveis dão a sua contribuição. Nesta categoria, não se ignoram ainda outros tipos de problemas, como o da adição de argumentos ou a inadequação semântica dos que são selecionados. Nestes casos, os aprendentes do nível intermédio são os maiores responsáveis pelos usos desviantes.

Em comparação com os aprendentes do nível intermédio, os do nível de iniciação e do nível avançado não cometem um número relevante de desvios relativos à categoria **argumento**. No que diz respeito ao uso de preposições, é visível que os aprendentes dos três níveis concentram o maior número de desvios na subcategoria de **supressão de preposições**, mas é igualmente visível que existe uma grande diminuição de ocorrências desviantes desde o nível de proficiência elementar até aos níveis mais elevados, embora haja um pequeno aumento do nível intermédio para o nível avançado. Além da supressão de preposições, na subcategoria de substituição de preposições também se encontram muitos desvios, e os aprendentes do nível de iniciação é o maior responsável.

Quanto ao problema da supressão de conjunção oracional que introduz a oração completiva, descobrimos que os três níveis de proficiência cometem um número de desvios muito próximo.

Já na última categoria considerada na tipologia, a de **pronome inerente**, dominam os desvios dos aprendentes do nível intermédio, sendo que uma boa parte deles corresponde à subcategoria de **adição de pronome inerente**.

Depois de ter verificado as distribuições dos desvios em função dos esquemas relacionais dos verbos e dos níveis de proficiência dos aprendentes, trataremos, nas subsecções seguintes, os dados de uma maneira mais pormenorizada e também qualitativa, com o objetivo de melhor descodificar os comportamentos dos aprendentes chineses.

3.2.2.1 DESVIOS RELATIVOS A ARGUMENTOS

Antes de fazermos uma análise específica de cada subcategoria de desvios relativos a argumentos, será pertinente ter uma visão generalizada sobre o uso (convergente ou divergente) dos diferentes tipos de complementos. A tabela 3.8 fornece-nos estas informações. Pode observar-se que o complemento direto é o que apresenta maior número de ocorrências (702 dos 1178 casos do *corpus*), isto é os aprendentes usam preferencialmente verbos que selecionam CD. O complemento oblíquo (OBL) apresenta também elevada frequência, cerca de metade do número do CD (365 casos), ao passo que o CI regista uma frequência mais baixa (48 registos). Do ponto de vista dos desvios, o complemento que apresenta, em números absolutos, mais casos divergentes é o CD, mas, relativamente ao número total de ocorrências do complemento, já o CI se revela o mais problemático.

Tipos de complementos	Ocorrências (Nr.)	Desvios (Nr.)	% de desvios relativamente ao número de ocorrências
CD	702	11	1,7
CI	48	2	4,2
OBL	365	4	1,0
Ø ⁴³	132	1	0,8

Tabela 3.8 –Contagem de desvios por tipo de complemento

Nesta categoria de **argumento**, recorde-se que identificámos quatro subcategorias de desvios: **adição**, **supressão**, **substituição** e **inadequação semântica** de argumentos. Passámos a observar a distribuição dos desvios pelos tipos de complementos, por níveis de proficiência.

No caso da **adição de argumentos**, podemos considerar as ocorrências desviantes atendendo à função sintática desempenhada pelo constituinte afetado. Na tabela 3.9, os dados aparecem também com a sua distribuição pelos níveis de proficiência:

Esquema relacional	Nível de proficiência	Tipos de ocorrências desviantes			
		adição do CD	adição do CI	adição do OBL	adição do SP ⁴⁴
S-V-CD	Iniciação				
	Intermédio	1			
	Avançado				
S-V-OBL	Iniciação				
	Intermédio		1	1	
	Avançado				
S-V	Iniciação				
	Intermédio				1
	Avançado				
Total		1	1	1	1

Tabela 3.9 – Desvios relativos à adição de argumentos

Nas tabelas 3.6 e 3.7, pudemos verificar que o desvio por adição de argumentos ocorre mais no esquema S-V-OBL e é apenas cometido pelos aprendentes do nível intermédio. Conforme a tabela 3.9, conseguimos mais uma informação importante: as 4 ocorrências desviantes de adição de argumentos distribuem-se por todos os tipos sem prevalência, isto é, cada tipo dispõe de um caso: estes desvios dizem respeito a uma adição do CI e uma adição do SP nos verbos com esquema S-V-OBL, a uma adição do CD num verbo com esquema S-V-CD e a uma adição do OBL num verbo com o

⁴³ Os verbos intransitivos não pedem nenhum complemento.

⁴⁴ Sintagma preposicional (SP)

esquema S-V-OBL, denunciando os dois últimos casos uma estratégia de redundância do complemento. Vejam-se os exemplos seguintes com correções conforme o uso em português europeu:

(35) Adição do CI

- a. *Ela não deve lavar a sua cara com lágrimas por quem não lhe amasse, nem espere-lhe pelo seu promessa com a sua vida toda. (ERA818, Intermédio)
(PE: nem esperar pela sua promessa)

Neste único exemplo ocorre uma adição do complemento indireto não previsto - a inserção do pronome clítico dativo *lhe* não exprime qualquer valor semântico. Mas além de uma adição do CI, acontece ainda um uso desviante da preposição no adjunto adverbial *com a sua vida toda*, só que este não faz parte do presente estudo.

(36) Adição do SP

- a. *Porque os homens existem com materias, as mulheres vivem dos espíritos. (ERA818, Intermédio)
(PE: Porque os homens dependem/vivem de materias (...))

Nesta frase ocorre um problema de adição de um sintagma preposicional (SP). O verbo principal da frase *existir* é intransitivo, não pedindo complementos. Assim, ocorre neste exemplo uma adição de um argumento realizado através de um sintagma preposicional. No entanto, quando se omite este constituinte não previsto, a frase não fica ainda semanticamente interpretável, porque o aprendente não seleciona o verbo adequado e também porque considera o verbo *existir* como verbo transitivo indireto.

(37) Redundância de complementos

- a. *Descubro mais diferença a cultura entre este país e o meu país, China. (CA.B1.06 52.2L, Intermédio)
(PE: diferenças culturais / diferenças de cultura)
- b. *Ela tem de acreditar em si que pode sobreviver muito bem sem acompanhamento dele. (ERA818, Intermédio)
(PE: Ela tem de acreditar (em)⁴⁵ que pode sobreviver... / ela tem de acreditar em si e que pode...)

⁴⁵ Eduardo Raposo (2013: 1872) fala de *queísmo* para referir a possibilidade de certos verbos transitivos indiretos (de Compl Obl) admitirem opcionalmente a supressão de preposição quando selecionam oração completiva. Neste caso, no verbo *acreditar*, a supressão de preposição é preferencial.

Em 37a) ocorrem dois complementos diretos: “diferença” e “a cultura”, e em 37b) aparecem dois complementos oblíquos, (sendo que um é oracional e não preposicionado), pelo que um deles é uma adição não prevista, ou seja, um complemento redundante.

Na subcategoria de **supressão de argumentos**, estão ilustrados os casos desviantes na tabela 3.10.

Esquema relacional	Nível do aprendente	Tipo de desvios
		supressão do CD
S-V-CD	Iniciação	1
	Intermédio	2
	Avançado	1
S-V-CD-OBL	Iniciação	1
	Intermédio	
	Avançado	1
Total		6

Tabela 3.10 – Desvios relativos à supressão de argumentos

De acordo com a tabela 3.10, podemos verificar que todos os desvios relativos à supressão de argumentos residem na **supressão do CD**, acontecendo principalmente no caso dos verbos com esquema relacional S-V-CD. Do ponto de vista do nível de proficiência, os aprendentes dos três níveis partilham os mesmos números de desvios (2 casos em cada nível de proficiência). Considerem-se os seguintes exemplos:

(38) Supressão do CD

- a. *Nos tempos livres, gosto de ficar em casa, porque não falo português bem e não sei onde é bom para viver, também não tem muitos amigos quem pode jogar. (CA.A1.02 33.1J, Iniciação)
(PE: não tem muitos amigos com quem possa jogar futebol.)
- b. *Elas arrumam muito, limpam muito, apesar de nós também arrumaremos, não sempre fazemos. (CA.B1.05 52.2L, Intermédio)
(PE: não fazemos sempre a limpeza / nem sempre a fazemos)
- c. *Naquela noite, subimos ao topo da colina atrás do campus, <deix> deitámos na relva com inúmeras estrelas em cima <(…)> e no ar, havia a fragrância das flores de Verão; a fragrância de jasmim. (CA.C1.07 6.1B, Avançado)
(PE: deitámo-nos na relva)

Em 38a), ocorre a supressão do complemento direto do verbo *jogar*. Geralmente, o constituinte que exerce a função de CD deste verbo tem por núcleo um nome [-animado], isto é, não se diz “jogar alguém” mas sim “jogar algo”. Uma alternativa é considerar que falta a preposição *com* a introduzir um adjunto adverbial: “jogar com alguém”. Em 38b), são suprimidos os complementos diretos do verbo *fazer*, um verbo transitivo direto sem ocorrências de uso absoluto no português europeu. Na última frase 38c), o verbo *deitar*, com o esquema relacional S-V-CD-OBL, seleciona obrigatoriamente o complemento direto. Segundo o contexto, pode o pronome clítico acusativo *-nos* completar o sentido do verbo.

Relativamente ao problema da **substituição de argumentos**, apresentam-se os fenômenos em 39) e na tabela 3.11.

(39) Substituição de argumentos

- a. *Ela não deve lavar a sua cara com lágrimas por quem não lhe amasse.
(ERA818, Intermédio)
(PE: não a amasse)

- b. *Embora não fossémos filhas dela, ela cuida-nos sempre como se fossémos as filhas dela. (ERA942, Avançado)
(PE: ela cuida de nós)

Complementos pedidos	O aprendente usou	Número de ocorrências
S-V-CD	S-V-CI	1
S-V-OBL	S-V-CD	1

Tabela 3.11 – Desvios relativos à substituição de argumentos

Conforme se observa na tabela 3.11, não se encontram muitos casos relativos a substituição de argumentos no *corpus* em estudo. Em 39a), o verbo *amar* é transitivo direto, mas o aprendente substitui o complemento direto por um complemento indireto, usando o pronome clítico dativo *lhe* em vez de forma acusativa *a*. Este caso especial evoca dados relativos à variedade moçambicana de português (PM), na qual *amar a alguén* é perfeitamente aceitável, p.e, *A filha do imperador amou ao Manuel*. No PM, a preposição *a* é atribuída tipicamente aos complementos diretos [+humanos] que manifestam um valor semântico de beneficiário (Gonçalves 1989: 16). No PE, este uso, embora existente, ocorre em casos muito restritos, p.e, *amar a Deus* ou *louvar a Deus*⁴⁶.

⁴⁶ Gonçalves, 2013: 168

Em 39b), o verbo *cuidar* seleciona complemento oblíquo, isto é, *cuidar de algo/alguém*, mas o aprendente substituiu o complemento oblíquo por um complemento não preposicionado, i.e., por um complemento direto.

Na subcategoria de **inadequação semântica**, os desvios analisados dizem respeito a uma falta de compatibilidade semântica entre o verbo e os seus complementos. De acordo com as tabelas 3.6 e 3.7, os desvios residem apenas nos verbos com esquemas S-V-CD e S-V-OBL e são cometidos principalmente pelos aprendentes do nível intermédio. Neste âmbito, e atendendo a tendências registadas nos próprios usos de falantes do português padrão, Peres e Mória (1995) têm em conta dois problemas: o primeiro é que o argumento nominal ou oracional pode não apresentar os traços inerentes requeridos pelas propriedades de seleção semântica do predicado relevante; o segundo é que o argumento pode receber um papel semântico que não corresponde àquele que se lhe pretende atribuir. No caso da aprendizagem de uma LE, é também plausível pensar-se num efeito de transferência linguística. Vejam-se, a este propósito, os exemplos seguintes.

(40) Inadequação semântica

- a. *Ao fim-de-semana, gostámos de cantar na karaoke e aberter o partido.
(CA.A1.02 33.1J, Iniciação)
(PE: fazer uma festa)

Nesta frase, existe uma expressão, “aberter o partido”, na qual consideramos que ocorre um erro ortográfico. De facto, cremos que **aberter* corresponde realmente ao verbo *abrir*. Neste caso, o *partido* não possui os traços inerentes requeridos pelo verbo *abrir*, isto é, existe incompatibilidade entre o complemento direto e o predicador verbal. De acordo com o contexto, inferimos que o aprendente pretendia dizer “fazer uma festa”, e, assim sendo, o uso de *partido* aqui pode ser considerado como uma transferência a partir do inglês ‘party’ e a seleção do verbo *abrir* atribui-se a uma transferência do chinês, porque a íse diz 开(abrir) 派对/party⁴⁷ (festa), mas não 做 (fazer) 派对/party (festa).

- b. *Eu cai de narizes e o meu nariz verteu sangue.(ERA889, Intermédio)
(PE: Eu caí da escada e o meu nariz verteu sangue.)

Nesta frase, o verbo *cair*, que rege a preposição *de*, atribui ao argumento *nariz* o papel temático de origem; segundo o contexto, podemos saber que o escritor caiu de

⁴⁷ Por causa da influência inglesa, hoje em dia, a língua falada chinesa absorve muitos vocábulos ingleses - a palavra *party* é um dos casos de empréstimo (Yanjie, L. 2006).

algum lugar (sugerimos “caiu da escada” na correção) e magoou o nariz, mas então *nariz* não pode funcionar como a origem de *cair*. Deste modo, acontece, também aqui, uma inadequação semântica entre o verbo e o complemento oblíquo. Por outro lado, pode também pensar-se que a expressão *de nariz* manifesta um valor de modo relacionando com as expressões do tipo *cair de joelhos* e, sendo assim, o uso em 40b) não seria desviante, pelo menos na perspectiva dos interesses do presente estudo.

3.2.2.2 DESVIOS RELATIVOS AO USO DE PREPOSIÇÕES

Em conformidade com a análise realizada na primeira seção deste capítulo, já apuramos que o uso de preposições introdutoras de complementos é o maior problema de complementação verbal evidenciado pelos aprendentes chineses, em comparação com os outros padrões desviantes tratados neste estudo. Sendo assim, nesta subseção trataremos detalhadamente as questões relativas a adição, supressão e substituição de preposições de complementos.

Preposições	Frequência de preposições	Número de desvios	% de desvios ⁴⁸
em	67	12	17,9
de	103	19	18,4
com	53	6	11,3
a	72	13	18,1
para	43	10	23,3
por	7	3	42,9
sobre	2	1	50
acerca de	1	1	100

Tabela 3.12 – Frequência de preposições e percentagens dos desvios de uso das preposições

Os dados coligidos na Tabela 3.12 revelam que a preposição *de* é a mais usada pelos aprendentes, logo seguida das preposições *a* e *em*, sendo as preposições *sobre* e *acerca de* as menos usadas. As mais usadas são também as mais afetadas por desvios, como seria de esperar; neste caso, a preposição *de* é a que apresenta um número maior de desvios, sendo seguida pelas outras preposições que também têm alta frequência de ocorrência (*a*, *em*, *com* e *para*). No entanto, e quanto à percentagem de desvios de uso de cada preposição face ao número total das respectivas ocorrências, ficamos a saber que é a preposição *por* que provoca mais problemas no uso. As preposições *de*, *em*, *a* e

⁴⁸ % de desvios = Número de desvios / Frequência de preposições

para evidenciam uma percentagem de usos desviantes próxima e comparativamente mais baixa.

Começando pelos casos de adição de preposição, considerem-se os dados da seguinte tabela:

Esquema relacional	Nível de proficiência	Desvios de adição de preposições				
		a/para ⁴⁹	de	com	em	sobre
S-V-CD	Iniciação			1	1	
	Intermédio			1		
	Avançado		1			
S-V-CD-CI	Iniciação					
	Intermédio					
	Avançado					1
S-V-OBL	Iniciação	1				
	Intermédio					
	Avançado					
Total		1	1	2	1	1

Tabela 3.13 – Desvios relativos à adição de preposições

Conforme se observa na tabela 3.13, os aprendentes dos três níveis contribuem com números muito próximos para os desvios deste tipo. Estes desvios estão concentrados no esquema relacional S-V-CD, o que seria de esperar, já que os verbos deste tipo não regem preposição. Podemos também concluir que é a preposição *com* a que ocorre mais frequentemente em ocorrências desviantes motivadas por adição indevida. Vejamos os exemplos.

(41) Adição da preposição *com*

- a. *No entanto, as crianças não gostam de dormir muito, querem brincar, ver televisão, correr no jardim, mas os pais não podem acompanhar com eles.
(ERA284, Iniciação)
(PE: acompanhá-las)

- b. *Uma mulher com sucesso, sabe como é que orientar e confrontar com uma ferida emocional. (ERA818, Intermédio)
(PE: confrontar uma ferida emocional / confrontar-se com uma ferida emocional / enfrentar uma ferida emocional)

⁴⁹ No caso “*Este ano no verão, com o meu marido vamos para à praia.” (CA.A1.10 6.1B, Iniciação), ocorre uma reduplicação das preposições *a* e *para* -classificamos este tipo no grupo da “adição das preposições” (*a/para*).

Nos dois exemplos, os verbos em causa *acompanhar* e *confrontar* pertencem ao grupo dos verbos transitivos diretos. Contudo, o verbo *confrontar* também pode ser usado como verbo pronominal, apresentando o esquema relacional S-V-OBL; sendo assim, pode também acrescentar-se o pronome *-se* após os verbos para convergir com a estrutura pedida na LA. Por outro lado, pode-se também considerar que o verbo *enfrentar* é mais adequado do que o verbo *confrontar* neste caso, que evidenciará assim, um problema de seleção lexical.

(42) Reduplicação de preposição

- a. *Este ano no verão, com o meu marido vemos para à praia. (CA.A1.10 6.1B, Iniciação)
(PE: vamos para a praia / à praia)

Em 42a), ocorre, como referimos, uma reduplicação da preposição com o valor semântico de direção, *a* e *para*. De acordo com o contexto, podemos inferir que o escritor do texto e o marido dela vão passar férias na praia e, se assim é, o verbo requer uma preposição que veicule a noção de permanência, i.e., *para*. Se, por contraste, eles pretendem apenas ir à praia em alguns dias esporádicos, a descrição dessa intenção necessita de uma preposição que apresente um valor episódico, neste caso, *a*.

(43) Adição da preposição *de*

- a. *O objectivo da viagem não é que gozo de paisagens, é que experimento mais coisas úteis. (ERA940, Avançado)
(PE: gozar as paisagens)

Neste exemplo 43a), acontece uma má inserção da preposição *de* entre o verbo *gozar* e o seu complemento direto *as paisagens*, ou seja, o verbo *gozar* neste caso determina o esquema relacional S-V-CD, pelo que manifesta o significado de “aproveitar” (*as paisagens*).

Os números relativos aos casos de supressão de preposição encontram-se resumidos na tabela 3.14:

Esquema relacional	Nível de proficiência	Desvios de supressão de preposições						Total
		de	em	a	para	por	com	
S-V-OBL	Iniciação	6	7	2		2	1	18
	Intermédio	4	1	5	2		1	13
	Avançado	6	2		2		1	11
S-V-CD-OBL	Iniciação			1				1
	Intermédio					1		1
	Avançado	1						1
Total		17	10	8	4	3	3	45

Tabela 3.14 – Desvios relativos à supressão de preposições

Como se referiu a propósito dos dados coligidos na tabela 3.5, a supressão de preposições é tipo de desvio mais recorrente no *corpus* em estudo. Perguntemo-nos agora: quais são as preposições que causam mais desvios de supressão?

De acordo com a Tabela 3.14, são os verbos com o esquema S-V-OBL aqueles cujos complementos apresentam mais desvios por omissão de preposição. Entre estes, saliente-se a supressão da preposição *de*, logo seguida das preposições *em* e *a*. Os aprendentes dos três níveis dão o seu contributo para o estado de coisas descrito, mas é no nível de iniciação que encontramos o maior número de ocorrências e no nível avançado o menor número. Além das preposições mencionadas que possuem mais casos desviantes, as outras, como *para*, *por* e *com*, partilham números de desvios muito próximos, entre os quais se destaca o da preposição *para*.

A tabela 3.15 em baixo mostra, por ordem decrescente, quais os verbos que motivam mais desvios de supressão da preposição *de*. Como se observa, o verbo *gostar* e o verbo *precisar* tomam a primeira e a segunda posições, mas quando relacionamos estes dados com os valores de frequência total destes verbos no *corpus* em estudo (*gostar* 69, *precisar* 9, ver o Anexo 2), é fácil chegarmos à conclusão de que os usos associados ao verbo *precisar* são os verdadeiramente mais problemáticos.

Esquema relacional	Verbos	Número de desvios
S-V-OBL	gostar	6
	precisar	5
	esquecer	2
	sair	1
	desculpar	1
	recordar	1
S-V-CD-OBL	impedir	1

Tabela 3.15 – Verbos críticos: supressão da preposição *de*

Considerem-se os seguintes exemplos ilustrativos:

(44) Supressão da preposição *de*

- a. *Eu gosto ver livros de amor e bebo sumo de laranja, e a minha família é goste Portugal muito. (CA.A1.02 1.1A, Iniciação)
(PE: gosto de ver)
- b. *Este férias foi o que gosto mais como um descanso relexado. (ERA953, Avançado)
(PE: foi do que gosto mais)
- c. *O trabalho não foi muito fatigador, mas precisei ficar em pé o dia todo. (ERA889, Intermédio)
(PE: precisei de ficar)
- d. *Preciso uma semana para descansar após a semana de Queima. (CA.C1.02 6.1B, Avançado)
(PE: Preciso de uma semana)

Em 44 a,b,c,d) fica patente que os aprendentes, tanto dos níveis inicial e intermédio, quanto do nível avançado cometem erros de omissão da preposição *de* nos complementos oblíquos dos verbos *gostar* e *precisar*. Quando o complemento oblíquo se realiza em oração não finita (como em 44a e 44c), a preposição é facilmente omitida pelos aprendentes.

- e. *Ah, esqueci-me uma coisa! (CA.C1.02 6.1B, Avançado)
(PE: esqueci-me de uma coisa)
- f. *Quero dar-te uma explicação, não se tratando de um pretexto mas só de uma justificação simples por que motivo cometi aquele erro. § Não vou desculpar nada. Foi evidente ter feito aquilo e francamente não foi a primeira vez. (ERA841-(b), Avançado)
(PE: Não me vou desculpar de nada)
- g. *Foi bem surpreendente e engraçada a greve que encontramos na (cida) vila fronteiriça de Ventimiglia, incidente que nos impediu avançar de comboio. (ERA582, Avançado)
(PE: incidente que nos impediu de avançar de comboio)

Nestes três casos (44 e,f,g), os verbos *esquecer*, *desculpar* e *impedir* regem a preposição *de*. Os verbos *esquecer* e *desculpar* devem realizar-se como pronominais.

Tratando-se da preposição *em*, segundo a tabela 3.14, os aprendentes do nível de iniciação cometem o maior número de desvios, ou seja, os aprendentes menos proficientes têm preferência por omitir a preposição *em* introdutora de complemento oblíquo. De acordo com os dados coligidos no **Quadro Matriz 2** (Anexo 2), os desvios estão concentrados nos usos associados aos verbos: *participar* (3 ocorrências), *navegar* (2), *entrar* (2), *viver* (1), *morar* (1) e *pensar* (1). Observem-se os exemplos (45a, b, c):

(45) Supressão da preposição *em*

- a. *Atualmente, participo dois curso de dança, um é aprender Hip Hop, outro é aprender New Jazz.(CF.A2.09 33.1J, Iniciação)
(PE: participo em alguns cursos de dança)
- b. *Aos Domingos <da> nevago /sempre/ Internet (sempre) a ler notícia de futebol.(CF.A2.10 33.1J, Iniciação)
(PE: navego na internet)
- c. *Por causa de ver os museus na primeira vez, quando eu entrei um “museu”, acreditava que este era um museu grande. (ERA940, Avançado)
(PE: entrei num museu)

Em relação à preposição *a*, são os aprendentes do nível intermédio os que cometem mais desvios de supressão em complementos de verbos com o esquema S-V-OBL. De acordo com o **Quadro Matriz 1** (Anexo 1), descobrimos que os aprendentes do nível intermédio omitem sempre a preposição *a* que possui um valor semântico de direção quando regida pelo verbo de movimento *ir* (neste caso, 5 ocorrências; vejam-se os exemplos 46b e c). Registam-se também alguns casos em que os aprendentes omitem a preposição *a* para introduzir a oração infinitiva oblíqua, como se verifica no exemplo 46a).

(46) Supressão da preposição *a*

- a. *Acho que essas programas pode ajudar-me aprender mais inglês. (CF.A2.10 33.1J, Iniciação)
(PE: ajudar-me a aprender)
- b. *Vou ir palaça de comércio com os meus amigos para ver fogos de artifício do

ano novo. (ERA894-(b), Intermédio)

(PE: vou à praça do Comércio)

c. *Eu disse-lhe, em voz baixa, “eu vou outras lojas para ver mais guarda-chuva”

(ERA885-(a), Intermédio)

(PE: vou a outras lojas)

Quanto à supressão da preposição *para*, encontramos desvios somente nos níveis mais altos (intermédio e avançado), e estes acontecem apenas com o verbo *viajar* (4 ocorrências), como se ilustra em (47):

(47) Supressão da preposição *para*

a. *É possível viajar outras cidades (CA.B1.07 33.1J, Intermédio)

(PE: viajar para outras cidades)

b. *Quando chegámos a Sevilha que (era) foi a primeira cidade espanhola que viajámos, queremos comprar os bilhetes de autocarro para Córdoba do dia seguinte. (ERA578, Avançado)

(PE: para que viajámos)

No que diz respeito às outras duas preposições na tabela 3.14 com um número menor de ocorrências desviantes, a supressão de *por* acontece nos verbos como *esperar* e *trocar* (cf. os exemplos 48a e 48b). Já o verbo *brincar* é aquele cujo complemento evidencia mais casos de supressão da preposição *com* (cf. o exemplo 48c):

(48) Supressão das preposições *por* / *com*

a. *Mas a senhora da loja disse-me “Este marca é mais caro. Não troca outro?”

(CA.A1.01 77.3T, Início)

(PE: não troca por outro)

b. *Passaram 45 minutos (à) a esperar colegas. (ERA567, Início)

(PE: esperar pelos colegas)

c. *Como eu com o meu irmão ficaram em casa e sentimos aborrecidos, o meu irmão pensou que brincámos o fogo-de-artifício em casa. (ERA569, Avançado)

(PE: brincámos com o fogo de artifício)

A seguir, chegámos a uma discussão sobre o problema de substituição de

preposições através da tabela 3.16 e da análise dos exemplos em 49).

Preposição pedida		a		para		em	de	sobre	com
O aprendente usou		para	com	a	em	de	a	para	acerca de
S-V-OBL	Iniciação	1		3	1		1	1	
	Intermédio								
	Avançado					1			1
S-V-CD -OBL	Iniciação	2							
	Intermédio								
	Avançado								
S-V-CD -CI	Iniciação		1						
	Intermédio	1							
	Avançado	1							
Total		5	1	3	1	1	1	1	1

Tabela 3.16 – Desvios relativos à substituição de preposições

Em conformidade com os dados da Tabela 3.16, compreende-se que a má seleção das preposições *a* e *para* é o gerador principal dos desvios deste tipo.

De resto, observa-se que são os aprendentes do nível inicial que apresentam mais desvios nesta subcategoria e que concentram a maior parte dos erros na seleção de preposições regidas por verbos com o esquema S-V-OBL. De acordo com os exemplos (49a e 49b), é evidente que a dificuldade em selecionar *a* e *para* em contextos de regência de verbos de movimento reside na confusão do valor semântico de ambos, já que, e como tínhamos referido, *a* veicula um valor episódico, ao passo que *para* veicula um valor de permanência (ainda em 49a) ocorra outro problema relativo à seleção verbal, isto é, deve substituir-se *vou* por *vim*).

Um aprendente do nível intermédio, por sua vez, gera um caso de desvio relativo à seleção preposicional entre *para* e *a*, no esquema que prevê complemento indireto, não estando consciente de que o complemento indireto é introduzido canonicamente pela preposição *a* (como nos exemplos 49c). Quanto ao exemplo 49d), o SP *para* *n* *ás* desempenha uma função temática de beneficiário (que é um argumento opcional no predicado), mas só o sintagma introduzido pela preposição *a* pode redobrar um pronome clítico dativo⁵⁰ enquanto correferência, logo, neste caso, a preposição *para* deve ser substituído pela preposição *a*.

(49) Substituição de preposições

- a. * Eu vou a Portugal já há um ano. (CA.A1.02 33.1J, Iniciação)
(PE: Vim para Portugal)

⁵⁰ Raposo, 2013: 1178

- b. *Depois saio de casa, vou para <dece> doce vida, fazer compramos as coisas.
(CA.A1.03 33.1J, Inicia ção)
(PE: vou ao Doce Vita)
- c. *A minha colega teve uma guarda-chuva e ofereceu ajuda para mim.
(ERA885-(a), Interm ádio)
(PE: ofereceu-me ajuda)
- d. *O que nos sent ímos muito é que a Dona ofereceu-nos o quatro dela para n ós,
todavia, ela ficou na sala, dormia no sof á (ERA942, Avan çado)
(PE: O que sentimos muito é que a Dona nos ofereceu o quarto dela (a n ós).)

3.2.2.3 DESVIOS RELATIVOS AO USO DE CONJUNÇÃO ORACIONAL

Nesta subsec ção, apuraremos os desvios relativos às conjun ções que introduzem ora ções subordinadas completivas. Na verdade trata-se, em todos os casos, da omiss ão da conjun ção *que* selecionada, na LA, pelos verbos epist énicos e declarativos que surgem na Tabela 3.17. Estabelecer-se-á ainda uma rela ção entre os desvios de preposi ções e os de conjun ções quando se trata da introdu ção das ora ções completivas quer finitas quer n ão finitas (na tabela 3.18).

verbos	Número de desvios
achar	3
saber	3
pensar	1
decidir	1
dizer	1

Tabela 3.17 – Verbos cr íficos: supress ão da conjun ção *que*

Veja-se como, nos seguintes exemplos, a supress ão do constituinte conjuncional *que* conduz a uma situa ção em que coocorrem dois verbos numa ora ção, conduzindo a enunciados agramaticais em portugu ês. Deste modo, admitimos que a l íngua materna influenciou os aprendentes na organiza ção destas frases, porque a conjun ção oracional que introduz complemento direto *que* n ão é lexicamente realizada na l íngua chinesa, estando impl ícita na ora ção subordinada. Veja-se os exemplos em (50):

(50) Supress ão da conjun ção *que*

- a. *Eu pensar este lugar é muito calmo (CA.A1.12 77.3T, Iniciação)
(PE: penso que este lugar...)
- b. *Eu também gosto de nadar com as minhas colegas, porque nós também <aa>
achamos esta actividade é muito relaxo e não é muito sumptuoso e caro.
(CF.A2.04 33.1J, Iniciação)
(PE: achamos que esta actividade é muito relaxante)
- c. *Antes de ir a Barcelona, só soube Gaudi foi um arquitecto famoso (ERA889,
Intermédio)
(PE: só sabia que Gaudi era um arquiteto famoso)

Verifique-se na tabela 3.18 uma comparação entre os desvios de conjunção *que* e os desvios de preposições quando introduzem orações completivas.

Esquema relacional	Nível do aprendiz	Constituintes para introduzir oração completiva				
		de	a	para	em	que
S-V-CD e S-V-CD-(CI)	Iniciação					4
	Intermédio					2
	Avançado					3
S-V-OBL	Iniciação	5	1			
	Intermédio	3	1			
	Avançado	2		1	1	
S-V-CD-OBL	Iniciação		1	1		
	Intermédio					
	Avançado	1				
Total		11	3	2	1	9

Tabela 3.18 – Relação entre os desvios de preposições e os de conjunções quando introduzem oração completiva

Observe-se a tabela 3.18 na qual se comparam os desvios relativos aos constituintes para introduzir orações completivas, neste caso, as preposições que introduzem orações completivas infinitivas (*de*, *a*, *para* e *em*) e os desvios relativos à conjunção *que* que introduz oração completiva finita.

Do ponto de vista do esquema relacional, os desvios relativos ao uso da conjunção *que* acontecem apenas nos verbos com esquemas S-V-CD e S-V-CD-(CI). Já os desvios relativos ao uso de preposições aparecem nos esquemas que integram complemento oblíquo, como S-V-OBL e S-V-CD-OBL, destacando-se entre estes, o número de desvios no esquema S-V-OBL.

Atendendo ao nível de proficiência dos aprendentes, os dados desta tabela

indicam que os do nível de iniciação cometem mais desvios, logo seguidos dos do nível avançado, ao passo que os do nível intermédio contribuem com menos desvios nesta área crílica.

Verifica-se que a maior parte dos desvios se concentram no uso da preposição *de* e da conjunção *que*, sendo os restantes distribuídos pelas outras preposições, ainda que com um grau de incidência relativamente menor. É fácil chegar à conclusão de que a supressão de constituintes preposicionais é o problema aqui dominante. Os verbos com os esquemas S-V-OBL e S-V-CD-OBL que sofrem uma omissão do constituinte preposicional são (com indicação de frequência de desvios): *gostar* (5), *precisar* (4), *ajudar* (2), *esquecer-se* (1), *impedir* (1), *começar* (1), *viajar* (1), *ocupar-se* (1), *ir* (1). Os exemplos 51 a, b, c, d ilustram casos deste tipo.

(51) Supressão de constituintes preposicionais para introduzir oraçãõ completiva

- a. *Eu gosto com \emptyset com os meus amigos. (CA.A1.02 1.1, Iniciação)
(PE: Eu gosto de conversar com os meus amigos)
- b. *Nãõ esquero /forget/ ir à praia contigo. (CA.A1.13 6.1B, Iniciação)
(PE: Nãõ me esqueço de ir à praia contigo)
- c. *Acho que essas programas pode ajudar-me aprender mais inglês. (CA.A2.10 33.1J, Iniciação)
(PE: ajudar-me a aprender)
- d. * Tudo o que precisamos, que coisinhas quer serviços, é disponível no centro comercial e o desenvolvimento da transportaçãõ poupa-nos o tempo gasto entre dois <(…) > s fios <, que pode ser>. (CA.B2.07 69.3Q, Intermédio)
(PE: Tudo aquilo de que precisamos)

3.2.2.4 DESVIOS RELATIVOS AO USO DE PRONOME PESSOAL INERENTE

Os desvios relativos ao uso de pronome inerente têm pouca expressão nos dados e, como se verificou na análise da tabela 3.6, o esquema relacional S-V é o que motiva as ocorrências desviantes existentes. São sobretudo os aprendentes do nível intermédio os maiores geradores deste tipo de desvio que consiste, na maioria dos casos, na adição de um pronome inerente não previsto.

Verifique-se a tabela 3.19, na qual se comparam os desvios relativos ao uso do pronome reflexo e os relativos ao uso do pronome inerente. Na nossa análise, classificamos os desvios de pronome reflexo na categoria de **argumento** porque estes têm a sua função sintática-semântica de complemento no predicado; sendo assim, separamos os desvios relativos ao pronome inerente dos de pronome reflexo, já que não desempenham a mesma função, ou seja, os pronomes inerentes são os constituintes intrínsecos requeridos por certos verbos mas não têm função de complemento.

Nível do aprendente	Esquema relacional	Pronome inerente		Pronome reflexo		
		adição	supressão	adição	supressão	substituição
Iniciação	S-V-CD	1				
Intermédio	S-V-OBL	1		2		
	S-V-CD	1				
	S-V	2	1			
Avançado	S-V-CD				1	
	S-V-CD-OBL				1	
	S-V-CD-CI				1	
	S-V-OBL					1
	S-V-CI-OBL		1			
Total		7		6		

Tabela 3.19 – Relação entre os desvios de pronome inerente e os de pronome reflexo

A partir desta tabela, podemos obter várias informações: em primeiro lugar, os desvios relativos ao pronome reflexo residem principalmente nos verbos com esquema S-V-OBL, ao passo que os desvios do pronome inerente se concentram nos verbos intransitivos. Em segundo lugar, é visível que os aprendentes do nível avançado mostram mais erros no uso do pronome reflexo enquanto os aprendentes do nível intermédio cometem mais desvios no uso do pronome inerente. Por fim, a supressão do constituinte é o problema mais crónico no uso do pronome reflexo, ao mesmo tempo que a adição do constituinte é mais problemático entre os desvios relativos ao uso do pronome inerente.

Como já se consideraram, na categoria de **argumento**, os desvios do pronome reflexo que tem função de complemento, agora, em 52) e 53), serão apenas apresentados os casos em que ocorrem os desvios de pronome inerente. Em 52a,b,c,d), temos casos em que acontece uma adição do pronome inerente, sendo que verbos como *conhecer*, *acontecer*, *assegurar* e *ir* não pedem um constituinte pronominal nestes contextos. Em 53) transcrevem-se os exemplos que evidenciam a supressão do pronome inerente: o verbo *desenvolver* deveria ser acompanhado pelo pronome *-se* enquanto uso intransitivo incoativo (53a); já no exemplo em 53b), o verbo *queixar* pede intrinsecamente o pronome *-se*.

(52) Adição de pronome pessoal inerente *se*

- a. *Pode ser assim, outros fíio de Coimbra não me <coh coc> conheço bem.
(CA.A2.82 75.3S, Iniciação)
(PE: não conheço bem outros fíio)
- b. *O ano novo chinês se acontece num dia diferente e varia anualmente.
(ERA461-(b), Intermédio)
(PE: o ano novo chinês acontece num dia diferente)
- c. *De acordo com as tradições chinesas, um bom (sinal ou um bom in ício) in ício num dia certo poderia assegurar-se a harmonia da complexidade das coisas do universal e levar-nos ao sucesso. (ERA461-(b), Intermédio)
(PE: poderia assegurar a harmonia)
- d. *Por isso tive de me ir à loja. (ERA888-(a), Intermédio)
(PE: tive de ir à loja)

(53) Supressão de pronome pessoal inerente *se*

- a. *A relação entre deles está a desenvolver em paz. (CA.B1.06 52.2L, Intermédio)
(PE: A relação entre eles está a desenvolver-se em paz.)
- b. *Queremos assutar outra pessoa na rua. um dia, um vizinho foi feriado pelos nossos fogo-de-atrificio e queixou aos meus pais. (ERA569, Avançado)
(PE: queixou-se aos meus pais)

3.3 SÍNTESE DOS RESULTADOS APURADOS

Neste subcapítulo, apresentaremos uma síntese dos padrões gerais que observámos nos dados empíricos, reveladores das estratégias usadas pelos aprendentes chineses na complementação verbal em diferentes fases de construção das respetivas interlínguas.

De um modo global, entre todos os dados recolhidos, predominam os casos convergentes com a LA, ao passo que os divergentes ocupam somente uma percentagem muito baixa (8% das ocorrências totais), isto é os aprendentes chineses não revelam grande dificuldade em mobilizar os complementos, seguindo os esquemas relacionais que os verbos determinam.

Quanto aos casos divergentes da LA, observou-se igualmente que estes diminuem à medida que os níveis de proficiência dos aprendentes avançam, sendo que os aprendentes do nível de iniciação são os geradores principais de desvios, seguidos dos do nível intermédio, que também dão um grande contributo para este tipo de ocorrências não convergentes com a LA, enquanto os do nível mais avançado mostram o melhor comportamento na complementação verbal.

Entre os verbos recolhidos do *corpus* em estudo, a maior parte dos desvios fica associada a usos de verbos que selecionam complementos oblíquos. Estes desvios residem principalmente na supressão da preposição que introduz o complemento oblíquo, especialmente na omissão da preposição *de* introduzindo oração completiva não finita. Deste modo, o uso de preposições torna-se a área mais crítica para os aprendentes chineses da complementação verbal na LA. Também podemos concluir que a supressão de preposições é um tipo de desvio muito resistente, pois mesmo os aprendentes mais avançados ainda o revelam com índices relevantes.

Em comparação com os constituintes preposicionais que introduzem as orações completivas não finitas, a omissão do constituinte conjuncional *que* é menos problemático. É necessário realçar que, quer no caso da conjunção, quer no da preposição, os aprendentes do nível básico são sempre os causadores principais dos desvios nesta área; além do nível inicial, o que é mais surpreendente é que mesmo os aprendentes do nível avançado sentem dificuldades em usar corretamente os constituintes para ligar as orações completivas.

Além do uso de preposições, a mobilização de argumentos é a segunda área mais crítica para estes aprendentes, com uma alta expressão de desvios na fase intermédia da aprendizagem. Nesta área, os maiores problemas dizem respeito à alteração da estrutura argumental original de um verbo sob a forma de adição, de supressão e de substituição de argumentos, sendo especialmente relevante a supressão do complemento direto. Não se ignora, igualmente, o problema de seleção semântica dos complementos verbais, sendo este também um obstáculo a ultrapassar pelos aprendentes chineses.

Outra barreira observada para os aprendentes com este perfil é o uso do pronome pessoal inerente, mas os desvios desta categoria têm expressão somente na fase intermédia da aprendizagem; no nível inicial e avançado encontram-se muito poucos desvios, não se podendo, no entanto, afirmar que o grupo do nível inicial tem o mesmo nível de domínio no uso do pronome pessoal que o grupo do nível avançado.

Em síntese, ficámos a saber que, à medida que aumenta a proficiência de língua, cresce também a capacidade de colocar os argumentos de acordo com o esquema relacional do verbo selecionado e de identificar os verbos que requerem ou não o pronome inerente *-se*. Ainda assim, mesmo nos níveis avançados, os aprendentes encontram grandes dificuldades no uso de preposições e de conjunções oracionais.

CONCLUSÃO

Ao longo da presente dissertação, foi nosso objetivo identificar as estratégias de complementação verbal dos aprendentes chineses de PLE e verificar as áreas mais críticas. No Capítulo 1, descrevemos o enquadramento teórico, explicitando as noções básicas e relevantes que fundamentam a nossa análise dos dados empíricos. No Capítulo 2, apresentamos os métodos pelos quais optamos para a organização dos dados e os critérios a que atendemos para a inclusão e exclusão dos casos a considerar. No Capítulo 3, tratamos os dados empíricos do ponto de vista quantitativo e qualitativo e obtivemos os resultados apurados que visam responder às perguntas levantadas na *Introdução*, elucidando-nos relativamente às estratégias que os aprendentes chineses usam na complementação verbal nas respectivas interlínguas.

Neste terceiro capítulo, a observação partiu de uma visão global para uma análise mais específica, e obtivemos os seguintes resultados: globalmente, os desvios não são quantitativamente consideráveis face ao número total de ocorrências na amostra, mas a não superação de algumas dificuldades ao longo do desenvolvimento de proficiência linguística dos aprendentes torna a complementação verbal numa área crítica. Sendo os verbos com esquema S-V-CD aqueles que evidenciam uma frequência de ocorrência mais elevada quer na LA, quer nos usos dos aprendentes estudados, são, no entanto, os verbos que pedem complementos oblíquos, muito menos frequentes quer no *input* quer no *output* dos aprendentes, que motivam o maior número de desvios. As ocorrências desviantes diminuem à medida que os níveis de proficiência avançam; no entanto, é ligeira a diminuição do número de desvios entre o nível intermédio e o nível avançado.

Tendo em vista a organização dos dados que correspondem a casos desviantes, e inspiradas pela estratégia de taxonomia de erros pela qual opta Gonçalves (1997), elaboramos uma tipologia com quatro grandes categorias: **argumento**, **preposição**, **conjunção oracional** e **pronome pessoal inerente**. Cada categoria subdivide-se também em várias subcategorias, de acordo com a manifestação (superficial) dos desvios. As subcategorias consideradas foram as seguintes: **adição**, **supressão**, **substituição** e **inadequação semântica**.

Em seguida, observamos a distribuição dos desvios por categoria e subcategoria, em função dos esquemas relacionais dos verbos e em função dos níveis de proficiência dos aprendentes. Com tal procedimento, apuramos, por um lado, que é a categoria de **preposição** que contribui com o maior número de desvios, logo seguida da categoria de **argumento**; as outras duas categorias não geram desvios significativos. Observamos ainda que os desvios da categoria **preposição** se concentram nos usos de verbos transitivos indiretos que selecionam complemento oblíquo (S-V-OBL) e que os desvios de **argumento** e de **conjunção oracional** ocorrem sempre aquando do uso de

verbos com esquema S-V-CD, ao passo que aqueles relativos ao uso de pronome pessoal inerente surgem apenas com os verbos intransitivos (S-V).

Por outro lado, ficou claro que os aprendentes do nível de iniciação contribuem com a maior parte dos desvios para a categoria de **preposição**. No nível intermédio, além dos desvios de **preposição**, predominam ainda os desvios de **argumento** e os de **pronome pessoal**. No nível avançado, por sua vez, encontram-se poucas ocorrências desviantes mas ainda se mantém o número alto de desvios na categoria **preposição**.

Após a análise global e quantitativa, procedemos a uma discussão detalhada e qualitativa dos resultados por categoria, ilustrando-a com exemplos extraídos do *corpus*. A partir desta análise qualitativa, conseguimos também obter muitas pistas que nos orientem para um entendimento mais profundo das estratégias na complementação verbal.

Primeiro, e no que diz respeito à categoria **argumento**, os problemas relativos à supressão do complemento direto revelaram-se os mais crílicos, logo seguidos dos problemas da adição do sintagma preposicional não pedido pelo verbo e da inadequação semântica do complemento colocado. Nesta categoria, o grupo dos aprendentes de nível intermédio revelou-se o mais problemático.

Em segundo lugar, quanto à categoria de **preposição**, o mais problemático e crílico entre todos os tipos de desvios é o da supressão, sendo também grave o da substituição de preposição; são as preposições *de*, *em*, *a* as que geram mais desvios, para os três níveis de proficiência. No que diz respeito aos usos destas preposições, o maior problema é a supressão da preposição *de* regida pelos verbos *gostar* e *precisar*, quando introduz orações completivas não finitas de infinitivo. Especificamente, são os desvios relativos à supressão de preposição que dominam os aprendentes dos três níveis de proficiência, sendo esta a área mais resistente no que diz respeito à aprendizagem de complementação verbal. Para além disso, ocorre também uma confusão semântica entre as preposições *a* e *para* quando estas introduzem complemento oblíquo, pelo que podemos concluir que alguns aprendentes (a maior parte sendo do nível de iniciação) não dominam bem os valores semânticos destas preposições.

Em relação aos problemas relativos ao uso de conjunção, acontece somente um tipo de desvio, que é a supressão da conjunção *que* quando introduz orações completivas, sendo que tais desvios aparecem dispersos pelos três níveis de proficiência. Portanto, concluímos que os aprendentes, mesmo os do nível mais avançado, tendem a omitir a conjunção oracional *que* para introduzir orações completivas, em enunciados com os verbos *achar* e *saber*.

No que diz respeito à última categoria, a de **pronome pessoal inerente**, o problema da adição indevida do pronome inerente *se* é o mais frequente e crílico, sendo que uma boa parte dos desvios reside nos verbos intransitivos e é cometido

principalmente pelos aprendentes do nível intermédio.

O presente estudo permitiu-nos esboçar padrões de comportamento dos aprendentes chineses de PLE, mas apresenta, naturalmente, algumas limitações. Em primeiro lugar, a nossa base empírica é reduzida e insuficiente para obter uma compreensão cabal dos comportamentos na complementação verbal por parte do tipo de aprendentes selecionados. Outro problema metodológico é que os textos que integram estes dois *corpora* se encontram organizados segundo critérios diferentes de classificação de níveis de proficiência linguística. Por fim, faltou-nos um grupo de controlo de falantes nativos do PE que permitisse uma comparação com o grupo de aprendentes chineses; faltou-nos ainda uma comparação com os comportamentos de outros tipos de aprendentes de PLE (como ilustram os dados em Leiria, 2006) e também uma comparação dos padrões apurados com os que já se conhecem sobre os desempenhos dos aprendentes de PLS. Dito isto, os resultados aqui apurados podem facilmente servir análises comparativas com outras variedades nativas e não nativas de português em investigações futuras, tanto mais que os resultados detalhados são fornecidos em CD anexo ao nosso estudo.

Contudo, e independentemente dos trabalhos futuros que possam vir a ser realizados com base neste primeiro esforço, estamos cientes de que, a partir desta dissertação, na qual podemos identificar as áreas mais problemáticas e as grandes barreiras encontradas por parte dos aprendentes chineses de PLE na complementação verbal, será possível trabalhar em prol da melhoria do ensino do português como LE para este específico grupo de aprendentes.

BIBLIOGRAFIA

- CAMPOS, Héctor (1999) Transitividad e Intransitividad. In I. Bosque; V. Demonte (eds), *Gramática descriptiva de la lengua española* Madrid: Espasa Calpe, p.1519-1574
- CONSELHO DA EUROPA (2001) *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas - Aprendizagem, ensino, avaliação*. Porto: Edições ASA.
- CUNHA, Celso; Luís F. Lindley CINTRA (1984) *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- DUARTE, Inês (2003) Aspectos Sintáticos da Gramáticas do Português. In M. H. M. M. Mateus; A. M. Brito; I. Duarte; I. Faria; S. Frota; G. Matos; F. Oliveira; M. Vigário; A. Villalva, *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, p. 277-321
- ELISEU, André Maria Helena Mira MATEUS; Alina VILLALVA (2008) *Sintaxe do Português*. Lisboa: Editorial Caminho.
- GONÇALVES, Anabela; Eduardo RAPOSO (2013) Verbo e Sintagma Verbal. In E. B. P. Raposo; M. F. B. Nascimento; M. A. C. Mota; L. Segura; A. Mendes (eds.), *Gramática do português*, vol. II. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 1155-1217
- GONÇALVES, Perpétua (1989) *A variação do português dentro do português*. In: *Revista Internacional de Língua Portuguesa*. n.º 1 (Jul. 1989). Lisboa: Associação das Universidades de Língua Portuguesa, p. 15-20
- _____ (1990) *A Construção de uma Gramática do Português em Moçambique: Aspectos da Estrutura Argumental dos Verbos*. Tese de doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa.
- _____ (1997). Tipologia de “erros” do português oral de Maputo: um primeiro diagnóstico. In C. Stroud; P. Gonçalves (orgs.), *Panorama do Português Oral de Maputo - Vol. II: A construção de um banco de “erros”*. Maputo: Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação, p. 37-67.
- _____ (2010). Perfil linguístico dos estudantes universitários: áreas críticas e instrumentos de análise. In P. Gonçalves (org.), *O Português escrito por estudantes universitários: descrição linguística e estratégias didáticas*. Maputo: Texto Editores, p.15-49.

- _____ (2013) *O Português em África*. In E. B. P. Raposo; M. F. B. Nascimento; M. A. C. Mota; L. Segura; A. Mendes (eds.), *Gramática do português*, vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p.167-174.
- JACKENDOFF, Ray (1972) *Semantic Interpretation in Generative Grammar*. Cambridge, Mass., Mit Press.
- LEIRIA, Isabel (2004) Português língua segunda e língua estrangeira: investigação e ensino. In *Idiomático. Revista Digital de Didáctica de PLNM*, nº 3. Centro Virtual Camões. <http://cvc.institutocamoes.pt/idiomatico/03/portuguesLSeLE.pdf>
- _____ (2006) *Léxico, aquisição e ensino do Português europeu língua não materna*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- LI, Yanjie (2006) 现代汉语外来词发展研究. Shandong: Universidade de Shandong
- MARTINS, Cristina (2013) *O Corpus de Produções Escritas de Aprendentes de PL2 (CELGA). Caracterização e desenvolvimento de uma infraestrutura de investigação*. In R. Bizarro; M. A. Moreira; C. Flores (eds.), *Português Língua Não Materna: Investigação e ensino*. Lisboa: Lidel, p.70-79.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (2013) *O Português do Brasil*. In E. B. P. Raposo; M. F. B. Nascimento; M. A. C. Mota; L. Segura; A. Mendes (eds.), *Gramática do português*, vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 145-154
- NASCIMENTO, M. F.; L. PEREIRA; A. Estrela; J. B. Gonçalves; S. M. Oliveira (2008) Aspectos de unidade e diversidade do português: as variedades africanas face à variedade europeia. *Veredas*, 9, p. 35-60.
- PERES, João Andrade; Telmo MÓIA (1995) *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, p. 43-205.
- RAPOSO, Eduardo Buzaglo Paiva (2013) Estrutura da frase. In E. B. P. Raposo; M. F. B. Nascimento; M. A. C. Mota; L. Segura; A. Mendes (eds.), *Gramática do português*, vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 303 - 390
- TESNIÈRE, Lucien (1966) *Éléments de syntaxe structurale*, 2^a edição. Paris: Librairie Klincksieck

SÍTIOS CONSULTADOS NA INTERNET

Corpus de Produções Escritas de Aprendentes de PL2 (PEAPL2) do Centro de Estudos de Linguística Geral e Aplicada (CELGA) da Universidade de Coimbra. Disponível a 29.09.2011 em <http://www.uc.pt/fluc/rcpl2/>.

Corpus de Aquisição de L2 (*Corpus* CAL2) do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa (CLUNL). Disponível em <http://cal2.clunl.edu.pt/>

Biblioteca Digital do Instituto Camões -
<http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes.html>

Dicionário Terminológico do Ministério da Educação (DT). Disponível em <http://dt.dgidec.min-edu.pt/> (À data da impressão do trabalho, este site já não estava disponível neste endereço.)

SIIB: Catálogo das bibliotecas da UC - <http://webopac.sib.uc.pt/>